

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



**Fontes imagéticas e textuais
para o Ensino de História: dois
breves ensaios**



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**
Fundada em 1846

Fontes imagéticas e textuais para o Ensino de História: dois breves ensaios



BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Marcelo França de Oliveira

1º Tesoureiro: Valdir Barroco

2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Francisco das Neves Alves

Fontes imagéticas e textuais para o Ensino de História: dois breves ensaios



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

Rio Grande
2025

Ficha Técnica

- Título: Fontes imagéticas e textuais para o Ensino de História: dois breves ensaios
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Biblioteca Rio-Grandense
- Rio Grande
- 2025

ISBN: 978-65-5306-079-1

CAPA: O SÉCULO. Porto Alegre, 7 set. 1884.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

SUMÁRIO

Ensinando história através da imprensa: imagens e textos para o estudo do ideal abolicionista / 9

O ensino da História por meio dos jornais antigos: as imagens acerca dos atores político-partidários à época imperial / 119



Ensino de história através da imprensa: imagens e textos para o estudo do ideal abolicionista

Em tempos de ampla valorização das diversidades étnicas e culturais e de seu papel na formação da sociedade brasileira, as pesquisas acerca do

negro no Brasil constituem recorrência na produção historiográfica nacional, de modo que temas como escravidão e abolicionismo também continuam ganhando terreno nos trabalhos de natureza histórica. O reflexo de tais interpretações de caráter científico acerca desses assuntos tende a se fazer sentir na sala de aula, visando aproximar o alunado de identidades e vivências com seu passado histórico. Nesse sentido, a disponibilização de documentos históricos a respeito destas questões possibilitam ao professorado mecanismos e estratégias didáticas múltiplas para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

A escravidão foi um dos temas mais ardorosamente abordados no cenário brasileiro, mormente ao longo da segunda metade do século XIX. Desde os debates parlamentares, passando pelos pronunciamentos das autoridades públicas e dos políticos e pelas discussões por meio do jornalismo, até as conversas cotidianas pelas ruas, os prós e contras ao escravismo eram analisados de forma recorrente e, por vezes, à extenuação. Apesar dos embates entre escravistas e abolicionistas, a questão da escravatura no Brasil teve uma forte tendência de continuidade, adotando-se várias medidas legais que adiavam uma solução definitiva e garantiam a permanência do sistema escravocrata, apesar de um paulatino recrudescimento do movimento abolicionista que encontrou nas páginas dos jornais um forte elemento de propagação.

As oposições à escravidão moderna se fizeram sentir desde os primeiros tempos da aplicação do trabalho escravo na América, sendo questionados elementos como a legitimidade ou a legalidade daquela instituição. Tratavam-se, no entanto, de manifestações

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

isoladas as quais não chegavam a afetar a opinião pública ou as atitudes governamentais. A afirmação e uma sistematização das ideias antiescravistas só seriam efetivadas com a propagação do pensamento iluminista e os ideais abolicionistas só viriam a ser colocados em prática, progressivamente, a partir das revoluções liberais dos séculos XVIII e XIX, bem como, do avanço do capitalismo industrial e das transformações socioeconômicas e político-ideológicas que o mesmo promoveu em âmbito mundial.

Na América Latina, um impulso nos princípios abolicionistas acompanhou o processo de emancipação política e formação dos Estados Nacionais. Já no Brasil, uma das mais tardias abolições latino-americanas, a escravidão persistiu como instituição oficial mesmo após a independência, permanecendo como a base da mão-de-obra nacional ao longo de quase todo o período imperial, e o espírito abolicionista se faria manifestar também de forma tardia. Foi nos anos setenta e oitenta que os abolicionistas brasileiros atuaram mais direta e organizadamente no intuito de eliminar a escravidão no país. A essa ação, associava-se a pressão externa, mormente a britânica que, desde o início do século XIX, insistia no encerramento do sistema escravista.

Os acirrados debates entre tendências escravocatas e antiescravistas e o próprio desenvolvimento do movimento abolicionista tiveram na imprensa um fator fundamental de difusão, constituindo-se os periódicos em excelente fonte de pesquisa para a reconstituição histórica acerca de tais temáticas. Mas o conteúdo dos jornais do passado não precisa necessariamente ser foco de análise apenas dos pesquisadores, pois, de acordo com a premissa de que

ensino e pesquisa são indissociáveis, também o professorado do ensino fundamental e médio pode utilizar-se da imprensa periódica como instrumento de aprendizado. A valorização dos jornais como mecanismo didático vem ao encontro da introdução de novos objetos e fontes no ensino da História¹, entre eles a indústria cultural como um todo², e o jornalismo de modo mais específico³.

Nessa linha, o conteúdo dos jornais, convertido em documentos, passa a ser utilizado por historiadores no cruzamento com outras fontes de informação, para que se compreendam as sociedades do passado e suas formas de relacionamento, representações, conflitos, jogos de forças e significados presentes na memória, de maneira que os professores, atuando como construtores do conhecimento, também podem utilizar os jornais no ensino, principalmente nas aulas de História, estimulando o aluno a produzir conhecimentos com base em diferentes atividades ou formas de interação⁴. Assim, este estudo tem por objetivo apresentar algumas fontes jornalísticas propícias à análise dos ideais abolicionistas, levando em conta alguns dos representantes da

¹ PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Novos temas nas aulas de História*. São Paulo: Contexto, 2009.

² FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da História ensinada*. 13. ed. Campinas: Papirus, 2011. p. 137-155.

³ FARIA, Maria Alice. *Como usar o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1996.; FARIA, Maria Alice. *O jornal na sala de aula*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 1997.; e FARIA, Maria Alice & ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.

⁴ ABUD, Kátia Maria et all. *Ensino de História*. São Paulo: Cengage Learning, 2010. p. 27.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

imprensa sul-rio-grandense do século XIX, com especial destaque para imagens e textos dessa época, colocando-os à disposição para os trabalhos didáticos desenvolvidos pelo professorado.

Como o periodismo teve significativa função como elemento propagador das ideias e práticas abolicionistas, os jornais tornam-se fontes fundamentais ao estudo de tais temas. A imprensa rio-grandense-dosul não faria papel diferente, de modo que muitos dos jornais gaúchos direcionaram seus discursos a defender a causa abolicionista. Nesse quadro, os semanários caricatos teriam um papel especial. Nesse estudo em particular, serão abordados alguns segmentos do jornalismo gaúcho, mais especificamente ligados à pequena imprensa, ou seja, as alegorias e caricaturas publicadas pelos semanários caricatos, os editoriais de uma folha ligada aos artífices e diversas matérias editadas por um periódico abolicionista.

Críticos e humorísticos, muitas vezes os periódicos caricatos intentavam propagar ideias progressistas e combativas em relação a algumas das estruturas nacionais e a escravidão seria fortemente por eles contestada. Os pressupostos antiescravistas eram, assim, expressos através de imagens que buscavam convencer o público leitor dos malefícios da escravidão e da necessidade de superá-la, de acordo com os preceitos progressistas e civilizatórios, devendo ser abandonada tão “anacrônica” instituição. Os periódicos rio-grandenses ligados à caricatura acompanhariam a evolução dos próprios ideais abolicionistas no país,

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

incrementando tais debates a partir do final dos anos setenta e, ainda com maior ênfase, na década seguinte⁵.

Em desenhos cheios de simbolismo, a caricatura buscava apresentar uma perspectiva dicotômica, pela qual o abolicionismo era apresentado como designação do bem, ao passo que as tentativas de continuidade da escravidão eram confundidas com o mal. A mais importante representação da liberdade nos jornais caricatos gaúchos se daria através da figura feminina. Mulheres com as mais variadas feições, aparências e vestes passavam desse modo a servir como o arquétipo da libertação dos escravos. Em linhas gerais, tal representação utilizou-se desde a figura da mulher propriamente dita, passando pelo protótipo angelical e chegando ao modelo da divindade. Aparecia assim a mulher como a donzela, a amada ou a *anima*⁶, uma vez que o feminino simboliza a face atraente e unitiva dos seres, podendo nele se dar o encontro de uma aspiração humana à transcendência⁷. Nesse sentido, foram muitas as mulheres que serviram para propagandear a causa abolicionista e contribuir na verdadeira cruzada que se movia contra a escravatura.

Um desses desenhos mostrava a deusa liberdade, com uma espada à mão e uma bandeira com a inscrição “porvir”, na outra, representando a perspectiva da

⁵ Sobre o jornalismo caricato gaúcho, ver: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

⁶ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 391.

⁷ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 421.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

futura emancipação. A mulher ensinava o “Zé Povinho” os caminhos a seguir em direção ao abolicionismo. No chão o ideal liberal “liberdade, igualdade e fraternidade” se antepunha à coroa, o símbolo do monarquismo. A legenda era: “A deusa do futuro, mostrando a estrada brilhante!... mas aquela *barreira* jamais a derrotamos...”. (*Cabrión*, 18/abr./1880). Muitas foram as homenagens realizadas nos aniversários da promulgação da Lei do Ventre Livre, em memória ao articulador da legislação, o Visconde do Rio Branco. Numa delas aparecia o retrato do estadista, simbolicamente recebendo uma coroa com a inscrição saudade, vinda das mãos de três figuras angelicais, designando a pátria, a lei e a liberdade (*Cabrión*, 7/nov./1880). Em outra, a imagem de Rio Branco era velada por figura indígena, representando o país, uma escrava prostrada de joelhos, com o filho às mãos, agradecendo pela sua emancipação e, mais uma vez trazendo uma coroa de louros, uma mulher que carregava a chama da liberdade (*O Século*, 2/out./1881). Um busto do parlamentar também receberia uma coroa das mãos de uma jovem mulher que designava a liberdade (*O Século*, 28/set./1884).

Uma das províncias precursoras em promover os ideais abolicionistas foi a do Ceará, adiantando-se a muitas das outras unidades do império. Sob a epígrafe “Salve o Ceará”, uma das folhas caricatas gaúchas mostrava a deusa-liberdade rompendo os grilhões da escravidão, diante de uma família de escravos que demonstravam amplo agradecimento, todos sobre uma jangada, verdadeiro símbolo daquela província (*O Século*, 27/abr./1884). A figura feminina, vestida como uma deusa romana, rompendo as correntes do escravismo (*O Século*, 24/ago./1884), ou, na mesma

atitude, com a bandeira nacional à mão e o barrete frígio simbolizando a república (*O Século*, 7/set./1884), também serviram para demonstrar a emancipação da escravatura na capital gaúcha.

A liberdade também era encarnada numa figura feminina divinizada, pairando acima da terra em seu cavalo alado, num simbolismo de que a emancipação estaria a se espalhar pelas terras gaúchas. Servia por legenda a expressão: “A liberdade percorre as campinas rio-grandenses. Todos os dias o telégrafo anuncia novos triunfos obtidos contra o escravagismo nas diversas localidades da província. Dentro em poucos meses poderemos com orgulho bradar: – o nosso Rio Grande é livre!” (*O Século*, 5/out./1884). As discussões quanto aos rumos da abolição eram refletidas junto às folhas caricatas como no caso de uma delas que mostrava a deusa-liberdade, mais uma vez associada ao barrete frígio, cumprimentando o índio-Brasil, almejando o avanço das ideias antiescravistas. A legenda bem caracterizava o significado de “cruzada civilizatória” com que se qualificava a luta abolicionista: “O dia 1º de dezembro está à porta: nesse dia decidir-se-á da tua dignidade, Brasil. Ou mostrará que és um país livre, dando ganho de causa aos abolicionistas, ou teu nome será riscado do rol das nações civilizadas. Lembra-te, Brasil, que o mundo só espera por ti. Só há um lugar pois na galeria dos povos que representam o progresso do século XIX. Este lugar está à tua espera!” (*O Século*, 23/nov./1884).

O pensamento dicotômico da representação do bem e do mal ficava demonstrando muito a contento em caricatura pela qual, designando-se os debates então travados, sob os olhares atentos dos presentes (buscando

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

demonstrar a população brasileira), a deusa- liberdade disputava um jogo, com aquele que representava o pior dos males, o maior dos inimigos, o demônio, que simbolizava o escravismo. A legenda era simples e direta: “Amanhã fere-se a grande partida entre abolicionismo e escravagismo. Cubra-se de opróbrio aquele que negar apoio à causa da liberdade” (*O Século*, 30/nov./1884). A própria Lei Áurea seria divulgada e homenageada através da utilização da figura feminina, fosse nas proximidades da data de sua promulgação, fosse nas futuras efemérides de comemorações do 13 de maio. Manifestando a plenitude da ideia da emancipação como uma concessão ao escravo, mostrava-se o liberto de joelhos, agradecendo à dama-liberdade que rompia os grilhões da escravatura, sobre as inscrições: “Na pátria de Queiróz, Nabuco e Dantas. Quebram-se as algemas aos escravos!...! (*A Ventarola*, 3/jun./1888); ou ainda “Viva o Brasil! Viva a liberdade!” (*Bisturi*, 14/mai./1893).

Periódico: CABRION. Pelotas, 18 de abril de 1880. Ano 2. N. 63. p. 4-5.

Tema: a dama-liberdade orienta o povo em relação à emancipação

Estilo: alegoria



FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Periódico: CABRION. Pelotas, 7 de novembro de 1880.
Ano 2. N. 92. p. 4-5.

Tema: homenagem à Lei do Ventre Livre na figura do Visconde do Rio Branco

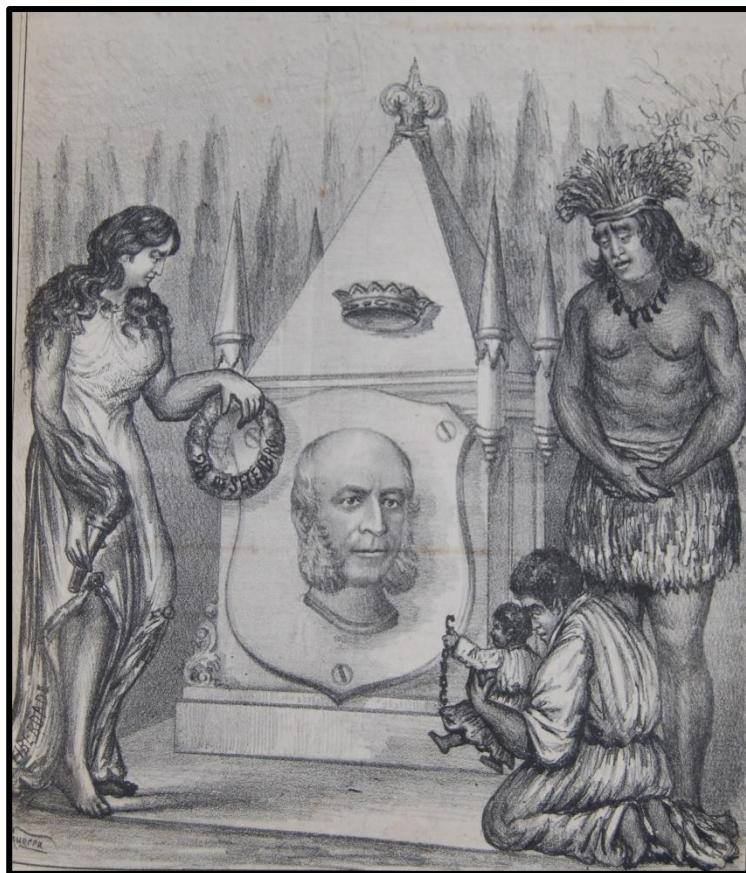
Estilo: alegoria



Periódico: O SÉCULO. Porto Alegre, 2 de outubro de 1881. Ano 2. N. 44. p. 1.

Tema: homenagem à Lei do Ventre Livre na figura do Visconde do Rio Branco

Estilo: alegoria



FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Periódico: O SÉCULO. Porto Alegre, 28 de setembro de 1884. Ano 5. N. 194. p. 4.

Tema: homenagem à Lei do Ventre Livre na figura do Visconde do Rio Branco

Estilo: alegoria



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Periódico: O SÉCULO. Porto Alegre, 27 de abril de 1884. Ano 5. N. 173. p. 4.

Tema: homenagem à emancipação dos escravos na província do Ceará

Estilo: alegoria



FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Periódico: O SÉCULO. Porto Alegre, 24 de agosto de 1884. Ano 5. N. 190. p. 1.

Tema: homenagem à emancipação dos escravos na cidade de Porto Alegre

Estilo: alegoria



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Periódico: O SÉCULO. Porto Alegre, 7 de setembro de 1884. Ano 5. N. 192. p. 4.

Tema: homenagem à emancipação dos escravos na cidade de Porto Alegre

Estilo: alegoria



FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Periódico: O SÉCULO. Porto Alegre, 5 de outubro de 1884. Ano 5. N. 195. p. 4.

Tema: homenagem aos progressos emancipacionistas pelo Rio Grande do Sul

Estilo: alegoria



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Periódico: O SÉCULO. Porto Alegre, 23 de novembro de 1884. Ano 5. N. 202. p. 1.

Tema: a deusa-liberdade orienta o “Brasil-índio” pelos caminhos da emancipação

Estilo: alegoria

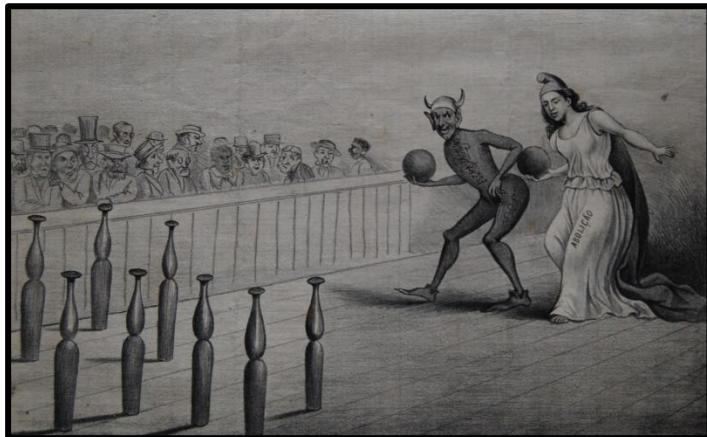


FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Periódico: O SÉCULO. Porto Alegre, 30 de novembro de 1884. Ano 5. N. 203. p. 4.

Tema: o confronto entre a deusa-abolição e o demônio-escravagista

Estilo: alegoria



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Periódico: A VENTAROLA. Pelotas, 3 de junho de 1888.

Ano 2. N. 62. p. 4-5.

Tema: homenagem à Lei Áurea

Estilo: alegoria



FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Periódico: BISTURI. Rio Grande, 14 de maio de 1893.
Ano 6. N. 67. p. 4-5.

Tema: homenagem ao aniversário da Lei Áurea

Estilo: alegoria



Assim, figuras femininas em variadas ações e condutas, fosse empunhando a bandeira da pátria e/ou a espada da justiça, prestando homenagens às efemérides de legislações abolicionistas, recebendo os agradecimentos dos libertos, espalhando o espírito da emancipação, conduzindo o povo ou o próprio país pelos caminhos da libertação, disputando a primazia da opinião pública com os escravistas, ou ainda rompendo os grilhões da escravidão - uma das imagens mais utilizadas - constituíram o símbolo mais usual pela caricatura sul-rio-grandense para designar a liberdade em oposição à escravatura. Como pessoa comum, figura angelical ou divina, a mulher passava a sintetizar a perspectiva do abolicionismo e a tentativa de convencimento da sociedade de que a extinção da escravidão seria a única atitude a ser adotada para que novos rumos fossem traçados em direção à civilização e ao progresso. Desse modo, a deusa-liberdade estaria a pairar sobre os brasileiros, interagindo e exercendo influência em prol da cruzada emancipacionista que tomava conta do país naquele final de século XIX⁸.

Antes mesmo do recrudescer mais intenso do movimento abolicionista, o jornalismo gaúcho já manifestava ideias antiescravistas, como foi o caso de um representante da pequena imprensa que circulou na cidade do Rio Grande, a partir de 1862 e que se intitulava *O Artista*, o qual falava em nome dos artífices e dos operários. O termo artista, no passado, caso do século XIX, servia para designar um segmento dentre os

⁸ Texto elaborado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa e caricatura no Rio Grande do Sul*. Rio Grande: FURG, 2010. p. 39-55.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

trabalhadores. Artistas, assim, eram aqueles que desempenhavam um dado ofício, ou seja, um artífice, embora, com o tempo, a palavra acabasse também vindo a servir para denominar o operariado, ainda mais numa época de transições, na qual o antigo executor das artes e ofícios – autônomo e proprietário de suas ferramentas –, se tornaria, progressivamente, o proletário urbano.

Na cidade do Rio Grande, potência comercial sul-rio-grandense no século XIX e pioneira em algumas atividades artesanais e fabris, a existência de artistas era algo comum. Dentre esses, alguns que trabalhavam no jornal *Echo do Sul* viriam a editar o seu próprio periódico, muito apropriadamente denominado de *O Artista*. Em suas origens, na década de sessenta, o jornal apresentou-se com características bem mais próximas dos representantes da pequena imprensa. Como semanário dos artistas, a publicação se propunha, em seus primeiros números, a ser uma defensora dos interesses dos artífices. *O Artista* foi fundado a 15 de setembro de 1862, impresso na tipografia do *Echo do Sul*, e circulava às segundas-feiras e dias imediatos aos santificados.

Nesse primeiro número, os tipógrafos fundadores do periódico apresentaram o programa da nova publicação, destacando que pretendiam pugnar pelos interesses do povo, sustentando com eles naturalmente as instituições liberais do país, a dignidade da nação e a liberdade, sendo esta a sua missão, pois, plebeus de nascimento, de nobres sentimentos, diziam não possuir de certo eloquência, nem pergaminhos que dessem peso e valor às suas palavras, porém, em retribuição, afirmavam ter princípios seus, ideias firmes, desinteresse e coragem da convicção que faltava aos especuladores políticos. Na mesma linha, declaravam

que nenhuma influência local dominava a folha, a qual seria inteiramente independente, porque ninguém pactuava com o obscuro artista, de modo que seguiriam o seu caminho, obedecendo somente aos impulsos do nosso coração e, na defesa de sua classe, usando das armas ao seu alcance, com uma linguagem vigorosa, mas sempre decente, garantindo que não fariam promessas e o público os julgaria pelos fatos.

Um dos objetivos do jornal, à época de sua fundação, era promover a criação de grêmios que congregassem os artífices, propondo que o artista deveria unir-se a seus irmãos de arte, para a formação de associações em que, cooperando todos com ligeiro óbolo, pudessem aglomerar recursos para proteger sua classe, ficando então sobranceiros ao poder do ouro. Nesse sentido, o periódico chegou a propor a fundação de uma Liga Artística e Operária, no intento de combater o domínio dos poderosos, e lançou mão de palavras de ordem, como "da união nasceria a força, e, fortes, os artistas pelo princípio de associação encontrariam nessa força garantias a seus direitos de homens e de cidadãos. Para a folha, somente o princípio da associação, debaixo da mesma bandeira unitária, poderia permitir que fosse moralizada a arte, dando nova consideração ante a sociedade, e permitindo a reconquista dos nobres privilégios que de direito pertenceriam aos artistas (*O Artista*, 6/out./1862; 13/out./1862; 24/nov./1862; e 12/jan./1863).

Assim, durante os seus doze primeiros meses de circulação, uma vez que, posteriormente, o jornal passaria por mudanças progressivas até transformar-se num diário noticioso e sem qualquer vínculo com os artífices, o *Artista* constituiu-se no arauto dos

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

trabalhadores. Na defesa dos interesses dos artistas, buscou a criação de associações que os congregassem, como uma forma de combater o domínio da aristocracia⁹. Nessa época, um dos temas abordados pelo jornal foi o da escravidão. Ainda de forma incipiente, o periódico emitiria opiniões bem demarcadas contra a instituição da escravatura, refletindo uma posição que caracterizaria as manifestações da folha nas décadas seguintes.

As ideias contrárias à escravidão e o movimentoabolicionista tiveram na imprensa um fator de difusão fundamental

na luta contra os que buscavam manter as tradições e o *status quo* escravocrata. Nesse quadro, a pequena imprensa,

na maioria das vezes descomprometida com os interesses dos grandes proprietários, exerceria um importante papel na crítica ao sistema escravista e, nesse caso, esteve inserido o *Artista* nos primórdios de sua existência. Para isso dedicou algumas de suas edições, nas quais publicou editoriais intitulados A escravidão, os quais o próprio periódico qualificou como singelos mas verídicos artigos (*O Artista*, 22/dez./1862).

O ponto fundamental da crítica do *Artista* para com a escravidão centrava-se na asserção do anacronismo que essa instituição representava para um mundo denominado de civilizado, declarando que uma das maiores nódoas que enegrecia o século era, sem

⁹ ALVES, Francisco das Neves. A imprensa rio-grandina à época da transição Monarquia – República: um estudo de caso. In: ALVES, F. N. & TORRES, L. H. (orgs.). *Anais do IX Ciclo de Conferências Históricas*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 107.

contradição, a existência da escravatura nos países que se diziam civilizados. Nesse sentido, o jornal buscou estabelecer parâmetros entre o passado e o presente, traçando um breve histórico acerca da escravidão e afirmando que esta datava de uma época de obscurantismo, sendo praticada por elementos aos quais mais propriamente competia o cognome de bárbaros. Diante do quadro histórico retratado, a folha propunha que se deveria esquecer dessas mazelas do passado, desde que isso servisse para se eliminar o escravismo no presente. Assim, declarava que deveria passar-se um véu sobre os cadavéricos séculos que registraram as enormidades sanguinolentas que nas suas páginas iam muito resumidamente apontadas e a história indicava com o index tremebundo, de modo a que se pudesse entrar no tempo coevo, vendo-se se ele estava isento da mácula com que fora encetado o artigo (*O Artista*, 10/nov./1862).

Ao realizar tal levantamento histórico, o jornal lançava o desafio de estar denunciando uma verdade, e essa, infelizmente era uma mordaça que deveria açaimar alguns coevos, que se reputavam ilustrados e olhavam para o passado com gestos de desprezo. Nessa linha, o periódico fazia um contraponto temporal, entre barbarismo e civilização e destacava que eram bárbaros aqueles tempos em que o poder do mais forte subjugava a vontade ou o arrojo do mais fraco na arena do combate, como o eram os homens da época – bárbaros – os mandatários dos suplícios da escravidão. Mas, diante disso, o semanário, desafiava os “homens das luzes” que blasonavam de ditar ao universo leis de liberdade e igualdade e que entendiam ser toda a geração humana credora dos mesmos foros e regalias, questionando e

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

cobrando aos seus contemporâneos como poderiam consentir que ainda existisse a escravidão (*O Artista*, 17/nov./1862).

Na perspectiva do *Artista* era inaceitável a situação pela qual um ser humano fosse transformado e encarado, normalmente, como uma mercadoria. Nesse sentido, denunciava os excessos do barbarismo que não se limitara a escravizar o indivíduo, buscando tornar ainda mais produtiva a escravidão, escravizando também os seus filhos, a sua prole. E completava, destacando que era medonho, custando-se a acreditar, que a degradação humana chegasse a tal extremo, mas todos tinham o painel debaixo dos olhos e vaticinava que aqueles que desenvolviam as práticas escravistas deveriam ser contraídos por remorsos, recebendo as penas que o Eterno reserva aos infratores dos seus preceitos (*O Artista*, 17/nov./1862).

Ainda acerca da condição de produto de compra e venda a qual estava condenado o escravo, o jornal fazia referência ao fato que os cuidados que estes recebiam quando pequenos, não eram alicerçados na caridade, tendo fundamento unicamente na avareza, uma vez que os proprietários simulavam o usurário que afagava e velava extremosamente uma bolsa repleta de ouro. A folha explicava que, à medida que o escravo crescia, os cuidados diminuíam e, em seu lugar, vinham os castigos físicos, as ameaças e um pouco mais tarde execuções crueis, porque assim aprazia ao senhor, tornando-se uma máquina que trabalhava, um punhado de bom metal movediço que, em ocasião de apuros cambiava por outro metal inerte (24/nov./1862). Quanto à falta de fraternidade humana nas relações escravistas, o semanário vociferava contra o negociador de carne

humana que colhia o quantitativo da venda e pouco se lhe dava que os seus semelhantes se exterminassem (*O Artista*, 22/dez./1862).

Outro aspecto do sistema escravista que o *Artista* abominava era a falta de qualquer tipo de garantia ou direito para com um ser humano. Nesse sentido, explicava que, diante do maldito preceito da escravidão, era o homem reduzido à condição do mais ínfimo bruto, a quem matavam a vontade, sujeitando-lhe aos mais abjetos e penosos trabalhos. Explicava o jornal que isso se dava apesar do indivíduo submetido ao regime escravocrata constituir-se num brasileiro nato, que deveria ter os mesmos direitos, as mesmas prerrogativas que usufruía qualquer outro cidadão, se a fatalidade não o tivesse gerado num ventre escravo. Diante disso, o periódico denunciava os proprietários de escravos, sentenciando-os, ao afirmar que o vilipendio não é para o escravo a quem a adversa sorte estigmatizara, e sim para aqueles que não lhe a minoraram, que não lhe a mudaram, podendo fazê-lo (*O Artista*, 24/nov./1862).

A respeito dos obstáculos que eram antepostos à cicatrização dessas feridas, com a eliminação da escravatura, o semanário dos artistas explicava que a mesma não se dava tendo em vista os grandes interesses econômico-financeiros em jogo. Esta questão era apontada através de uma série de questionamentos, como qual seria o motivo que estorvava os homens da lei de promulgarem uma que acabasse para sempre com tão nefando sistema, reabilitando essas criaturas que eram irmãos pela pátria e pela humanidade; conjecturando que a razão poder ser o receio de prejudicar as fortunas de alguns potentados; diante do que concluía que o fim da

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

escravidão não se dava porque se uma lei determinasse que os nacionais, nascidos dali em diante fossem considerados livres, poderia, sim, impedir o progresso das fortunas, mas em coisa alguma as lesaria (*O Artista*, 24/nov./1862).

Dessa forma, o *Artista* se propunha a promover uma cruzada, em nome da civilização e da humanidade, contra a escravatura. Defendia, assim, a execução de uma ação eminentemente humanitária e civilizadora, já que a escravidão dos naturais do país era o maior dos vilipêndios, uma mancha indelével esculpida na história de uma terra que se dizia livre e constitucional, devendo, de qualquer forma, terminar tão ignominioso sistema. Para o jornal a necessidade do fim da escravidão estava na compreensão de todos, pois, ninguém haveria que, consultando a consciência, deixasse de penetrar-se de tão deplorável verdade (*O Artista*, 24/nov./1862). No encerramento da série de artigos sobre a escravidão, o periódico realizou verdadeira conclamação em nome do fim do regime escravista, questionando quando acabaria o tráfico infame que desonrava o século dezenove; ou ainda, quando as câmaras e o governo brasileiro promulgariam medidas que tendessem a obstar a mercancia degradante. Nesse sentido, o semanário propunha-se a prosseguir na sua caminhada antiescravista, prometendo que, embora em estilo bem vulgar, haveria de continuar na cruzada que encetara (*O Artista*, 22/dez./1862).

De acordo com suas propostas originais, de constituir-se numa folha vinculada aos interesses dos trabalhadores, a posição do *Artista* quanto à escravidão era perfeitamente compatível com tal norte editorial, uma vez que o proletariado não poderia constituir-se

realmente como nova classe enquanto houvesse escravos na sociedade brasileira, pois não podia lutar por sua própria libertação enquanto houvesse, ao lado do trabalho assalariado, formas de exploração baseadas na escravidão institucionalizada¹⁰. Ao intentar defender uma ideia de união dos artífices em torno de ideais em comum e de um espírito associativo, de modo a garantir seus interesses diante da denominada aristocracia, nada mais natural que o jornal também combatesse a escravidão, a mais aviltante forma de exploração do trabalho humano e, por sua vez, também tendo por mantenedores, os mesmos “adversários” dos artistas, quer seja, os “poderosos” e “aristocratas”.

Periódico: O ARTISTA. Rio Grande, 10 de novembro de 1862. Ano 1. N. 10. p. 1.

Título: A escravidão

Tema: as raízes históricas da escravidão e as primeiras críticas ao escravagismo

Uma das maiores nódoas que enegrece o século atual é, sem contradição, a existência da escravatura nos países que se dizem civilizados.

O cativeiro que em épocas remotas significava o poderia do forte contra o fraco, obtido em sangrentas batalhas, não se aboliu com o decorrer de tantos tempos; apenas se limitou a mudar de aspecto.

Quanto nossos avós passaram à Palestina e África, sob pretexto de propagar a doutrina do Crucificado entre povos

¹⁰ HARDMAN, Foot & LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991. p. 94.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

que reputavam bárbaros (porque adoravam Deus conforme o seu coração) e remir o santo sepulcro; ou, ainda, com o título de alargar a esfera dos seus domínios; muitos desses cruzados, temerários e ambiciosos aventureiros lá ficaram prisioneiros e tiveram de suportar os rigores de uma escravidão atroz.

Nesses rudes tempos era desconhecida a tolerância, e a diplomacia cifrava-se na robustez do braço que empunhava um instrumento bélico: pelejava-se com acéríssimo para satisfazer a vontade ou capricho de um homem, salvar os princípios de uma seita, e exterminar uma raça que se odiava.

Mal feito era: e senão digam os contemporâneos, consultando a consciência, se o cativeiro dos que invadiam solos estranhos, assolando-os com a guerra, atacando a religião do Estado, procurando pela astúcia e artifícios derrubar monarcas, massacrar povos, destruir nações, não seria plausível nessa quadra de obscurantismo?

Oh! que o era; e aos homens de então que devassavam, em nome da fé, alheios territórios, os espoliavam a bel-prazer, e martirizavam aqueles que não abjuravam a crença de seus pais, a esses sim, é que mais propriamente compete o cognome de bárbaros.

Bárbaros, porque diziam obrar por mandato do Todo Poderoso ou por sua divina inspiração; e Ele protege os que o amam, sem distinção de seita, pois que tudo é feitura sua; bárbaros, porque em vez de concórdia ateavam o facho do rancor, do latrocínio e da mortandade; bárbaros, ultimamente, e, ainda mais, ininteligentes, porque se sacrificavam a si, sacrificavam os adeptos, sacrificavam os adversários, e assim mutuamente fundiam as algemas, erguiam os patibulos que a uns tinham de prender e a outros de ser teatros de nefandas execuções.

Passemos um véu sobre os cadavéricos séculos que registram as enormidades sanguinolentas que aí vão mui resumidamente apontadas e a história indica com o index

tremebundo; entremos no tempo coevo e vejamos se ele está isento da mácula com que encetamos este artigo.

Periódico: O ARTISTA. Rio Grande, 17 de novembro de 1862. Ano 1. N. 11. p. 1.

Título: A escravidão II

Tema: ferrenhas críticas ao sistema escravista

No nosso primeiro artigos, ou antes, prefácio, dissemos que o cativeiro começado em datas que alcunhamos de bárbaras, continuava ainda hoje com a simples transformação de aspecto.

Denunciamos uma verdade, e essa, infelizmente, verdade é uma mordaça que deve açaimar alguns coevos, que se reputam ilustrados, e olham para o passado com gestos de desprezo.

Eram bárbaros aqueles tempos em que o poder do mais forte subjugava a vontade ou o arrojo do mais fraco na arena do combate, indo os vencidos expiar a imprudência num cadasfalso ou na masmorra; eram bárbaros esses tempos, dizem os homens da época, bárbaros os mandatários dos suplícios e da escravidão.

Pois bem, homens das luzes e que blasonais de ditar ao universo lies de liberdade e igualdade, que entendéis ser toda a geração humana credora dos mesmos foros e regalias, como consentis que nos países onde imperais haja escravidão?

Sob o pó que amortalam os outros séculos, jazem o cativeiro e as crueldades deles, e sobre esse terreno sanguinolento ergueu-se em pedestal nefando uma pirâmide de diversas faces, onde se divisam escritos com letras hediondas: - Prossiga a escravidão - Em vez de fazer cativos pelo meio da

**FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS**

força, usemos da astúcia – A África dá pouca abastança aos braços que nos prodiguem os gozos que almejamos; sejam também escravos os nossos conterrâneos –; e semelhantes a estes outros dísticos, rematando a pirâmide com uma estátua da liberdade, que por irrisão ali puseram.

Por traças diabólicas e abusando da ignorância da raça etíope, escravizou-se parte dela, que Deus fez livre como nós o somos; não se atendeu a condições nem a jerarquias; os príncipes e os potentados africanos foram agarrados, algemados, sepultados no porão de um navio e chegados ao “ponto” vendidos em lotes para irem, sob o peso do azorrague manejado a sabor por um simples aceno do “senhor”, rotear as suas fazendas, torná-las fecunda, enriquecer os que espezinhavam as palavras mais santas do Deus-Homem, os que fizeram da carne humana uma mercancia abominável e que horroriza.

Não para, porém, aqui o excesso da barbaridade; era necessário que ultrapassasse o dos tempos bárbaros, e os homens das luzes e da liberdade entenderam tornar produtiva a escravidão, escravizando também os seus filhos, a sua prole.

É medonho, custaria acreditar que a degradação humana chegasse a tal extremo, mas temos o painel debaixo dos olhos, e choramos, choramos com ardente angústia pela sorte desditosa dessas infelizes criaturas que ao soltarem o primeiro vagido recebem em resposta: – Há de ser um bonito crioulo; faço-te mimo dele, minha filha.

E os lábios do homem não tremem ao proferir a palavra “filha”, dando-lhe em tal oferta a lição mais repugnante; não tremem, não, nesse momento, antes de iluminam pelo mais fagueiro sorriso; mas no momento tremendo do trespassse esses lábios deverão ser contraídos por remorsos inexplicáveis e receio das penas que o Eterno reserva aos infratores dos seus preceitos.

Paramos hoje aqui.

Periódico: O ARTISTA. Rio Grande, 24 de novembro de 1862. Ano 1. N. 12. p. 1.

Título: A escravidão III

Tema: ferrenhas críticas ao sistema escravista

Em junho de 1537 expediu o papa Paulo III as letras apostólicas que declaravam homens racionais os índios da América, e no mesmo mês do ano de 1755 eram por carta régia, considerados livres os indígenas.

Ora, se o obscurantismo de eras remotas fez conceber escrúpulos relativamente à raça que povoaava o novo mundo, as letras de Paulo III desfizeram-nos; assim como por resolução de D. José I foram restituídos aos naturais do país os foros e regalias da liberdade.

O primeiro desses passos importou a destruição do erro mais absurdo, enquanto que o segundo foi uma ação eminentemente humanitária e civilizadora.

Aproveitamo-la, porém, nós que nos jactamos de "iluminados"?

É bem amarga a resposta a semelhante interrogação.

Ainda o feto está nas entranhas maternas e já sobre o seu provável valor se especula cinicamente; vem à luz, acode-se-lhe com os primeiros alimentos, e durante certo tempo não lhe escasseiam cuidados e até carícias; mas esses cuidados e carícias não dimanam da caridez; têm fundamento unicamente na avareza, simulam o usurário que afaga e vela extremosamente uma bolsa repleta de ouro.

À proporção que o crioulo se robustece e desenvolve vão-lhe falecendo as meiguices e os desvelos: em breve suporta as ameaças e um pouco mais tarde execuções cruéis, porque assim apraz ao "senhor" de quem ainda é o enlevo, porque é uma máquina que lhe trabalha, um punhado de bom metal

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

movediço que em ocasião de apuros cambia por outro metal inerte.

É lhe vedado encarar aqueles com quem na meninice folgou, a quem sua mãe muitas vezes alimentou com o produto dos seus peitos, que beberam do mesmo leite, e seriam por tal seus irmãos colaços, se o maldito preceito da escravidão não lhe rezasse – curva ante eles a fronte até à terra, porque são teus “senhores moços”!

E o homem assim reduzido à condição do mais ínfimo bruto; a quem matam a vontade com a escravidão e o corpo com os mais abjetos e penosos trabalhos, é um brasileiro nato, que deveria ter os mesmos direitos, as mesmas prerrogativas que usufrui qualquer outro cidadão, se a fatalidade não o tivesse gerado num ventre escravo.

O vilipêndio, porém, não é para ele a quem a adversa sorte estigmatizou, o vilipêndio é para aqueles que não a minoram, que não a mudam, podendo-o fazer.

Isto está na compreensão de todos; ninguém haverá que, consultando a consciência, deixe de penetrar-se de tão deplorável verdade.

Qual será então o motivo que estorva os homens da lei de promulgarem uma que acabe para sempre com tão nefando sistema, reabilitando essas criaturas que são nossos irmãos pela pátria e pela humanidade?

Será o receio de prejudicar as fortunas de alguns potentados?

Tal não se dá; porque se uma lei determinasse que os nacionais, nascidos de hoje em diante fossem considerados livres, poderia, sim, impedir o progresso dessas fortunas, mas em coisa alguma as lesava.

A escravidão dos naturais do país, tornamos a repetir, é o maior dos vilipêndios, uma mancha indelével esculpida na história de uma terra que se diz livre e constitucional.

De qualquer forma deve terminar tão ignominioso sistema.

Periódico: O ARTISTA. Rio Grande, 22 de dezembro de 1862. Ano 1. N. 17. p. 1.

Título: A escravidão IV

Tema: ferrenhas críticas ao sistema escravista

Quando começamos a escrever sobre este assunto, contávamos que brevemente chegariam do Rio de Janeiro certas informações que nos habilitassem conspicuamente a dar solução de melindrosa pendência: essas informações, porém, ainda não chegaram e por isso nos temos visto inibidos de patentear um dos maiores escândalos que talvez se tenha dado nesse infamante tráfico chamado escravidão.

No entanto, para não procrastinar por mais tempo a continuação destes singelos mas verídicos artigos, diremos aos leitores que existe nesta cidade um preto escravizado, tão príncipe como outros quaisquer, pois que era neto do rei do Congo que regia aquele reino na época de 1829 ou 1830, e o qual goza da regalia de tratara com outros soberanos, servindo-se do grau de parentesco – primo.

Esse príncipe veio da África recomendado ao Sr. D. Pedro I a fim de mandá-lo educar na corte, mas quando aportou às praias brasileiras tinha o fundador do império já abdicado à coroa e desumanamente foi vendido em lote com outros pretos que o navio conduzia.

Conseguiu libertar-se e semanalmente frequentava o paço, recebendo nessa ocasião, do Sr. D. Pedro II uma exportula, até que pelas vicissitudes da sorteolveu à escravidão e nela persiste.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Dizemos isto autorizados com um requerimento de inquérito, que tiveram a condescendência de mostrar-nos, feito pelo escravizado em favor da sua liberdade, e o qual foi enviado para a corte.

Para certas pessoas parecerá o fato que narramos bem pouco merecedor de importância; mas, calculadas as consequências, é ele de suma transcendência.

Se esse príncipe estivesse no seu país ou mesmo neste, mas em posição de poder representar, teria o Congo passado por essas guerras de sucessão que lhe têm custado milhares de vidas e ainda recentemente a Portugal, que ali foi restabelecer a ordem e colocar um príncipe no trono, mais de quatro mil homens?

Com que se pagarão essas vidas, quem satisfará os gastos extraordinários dessas contendas pelejadas nos sertões de um país ainda pouco explorado?

Será o traficante que roubou a um reino quem poderia ser soberano e dessa forma evitar as dissensões que têm dado por produto sangue a jorros de europeus e africanos?

Qual! O negociador de carne humana colheu o quantitativo da venda e pouco se lhe dá que os seus semelhantes mutuamente se exterminem.

A isso responde com sardônica risada mirando as peças de ouro que lhe produziu a abominável transação.

Oh! tráfico infame que desonras o século dezenove, quando te acabarás?

Quando as câmaras e governo brasileiro promulgarão medidas que tendam a obstar à mercancia degradante que no próprio império se faz de indígenas e africanos?

Veremos.

Quanto a nós, embora em estilo bem vulgar, havemos de continuar na cruzada que encetamos.

Assim, o *Artista* levantava algumas questões fundamentais quanto à escravidão no Brasil, principalmente no que tange aos interesses em jogo dos grandes proprietários. A utilização de várias matérias editoriais – os artigos de fundo como o eram à época denominados – opinando sobre o tema, revelava a atenção que o mesmo despertava e a intenção dos mantenedores do jornal em expressar a sua visão acerca do assunto, bem como esclarecer e conscientizar seus leitores sobre os malefícios da escravatura. Mesmo que limitado pelas próprias condições históricas e visões de mundo de então – condicionado à questões civilizatórias, humanitárias e religiosas –, o discurso do jornal era razoavelmente progressista para a época – afinal o movimento abolicionista só viria a incrementar-se mais profundamente nas décadas seguintes –, refletindo o esclarecimento e o alcance do pensamento daqueles artistas quanto a uma tão intrincada questão como era aquela que envolvia a escravidão no Brasil¹¹.

Já nos anos oitenta, circularia no Rio Grande do Sul uma outra folha com fins exclusivamente abolicionistas. Tratava-se de *A Luz*, que se intitulava órgão literário-abolicionista e passou a ser publicada em 15 de março de 1884. Era um jornal quinzenal de quatro páginas, impressas em tipografia própria. Publicada por iniciativa da juventude local, nela escreviam uma série de colaboradores. O seu Programa, publicado no

¹¹ Texto elaborado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. Os artistas e a questão da escravidão: um estudo de caso. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *O mundo do trabalho na cidade do Rio Grande*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 11-19.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

primeiro número expressava suas intenções de defender a instrução e o abolicionismo. Afirmava o editorial que a fundação da folha tivera por mira a liberdade e a instrução, ou seja, era a corroboração de uma minguada partícula da mocidade rio-grandense em prol da cruzada santa, nascida da resolução enérgica de homens que sabiam bem pesar a dignidade de brasileiros. A *Luz* manteve uma unidade temática e editorial praticamente constante em torno da questão abolicionista; fossem os artigos, a parte literária, as homenagens, quase todas as seções, enfim, versavam sobre a dicotomia liberdade/escravatura.

A folha abolicionista pretendia trabalhar pela extinção da escravatura no território brasileiro, considerando este como o único dever do brasileiro sincero, do patriota que amasse a alvura do pavilhão de sua pátria. Destacava que fora criada unicamente para ser o arauto da justiça, prometendo não abandonar a estacada pela questão social da libertação dos cativos. A *Luz* afirmava que o jornalismo era uma religião, sendo necessário respeitar a imprensa, bem como suas palavras deveriam ser ouvidas e tomadas em crédito. Mesmo assim o jornal criticava as práticas jornalísticas de então, destacando que falar de imprensa era uma tarefa mais que espinhosa e colocava-se dentre aqueles que discordavam completamente da maneira pela qual a filha de Gutenberg era olhada naquela época (*A Luz*, 25/mar./1884; 28/abr./1884 e 31/mai./1884). A *Luz* foi um dos poucos periódicos que se preocupou com uma forma de incorporação dos negros emancipados à sociedade. Para a folha abolicionista, tal integração só seria possível através da instrução, fazendo verdadeiras campanhas para a educação dos libertos.

A Luz teve amplas dificuldades para garantir a continuidade de sua publicação. As primeiras ligavam-se a problemas tipográficos e, já na edição original, as limitações se fizeram sentir, quando por causa de um desarranjo no prelo, a impressão da folha saiu um tanto apagada, obrigando o jornal a publicar novamente o seu Programa, que tinha ficado pouco legível no primeiro número. Apareciam também certos erros ortográficos e de impressão, justificados pela muita afluência de trabalho e pela carência de tempo para revisão, levando o periódico inclusive a publicar erratas. A segunda ordem de problemas estava ligada à falta de pagamento por parte dos assinantes, não só na cidade, como nas vizinhas Pelotas e São José do Norte, o que tirava a única fonte de rendimentos da folha que não publicava anúncios. O jornal chegou a avisar ironicamente, que em contraposição ao Livro de Ouro, o qual servia para homenagear os próceres do abolicionismo, viria a existir também o Livro Negro, para aqueles que não pagavam seus débitos. Apesar de suas nobres intenções, aquele empreendimento da juventude em prol da abolição, representado por *A Luz*, não sobreviveu além de outubro de 1884. (*A Luz*, 25/mar./1884; 15/mai./1884; e 15/out./1884).

Verdadeiro arauto da causa abolicionista, *A Luz* refletiria em suas páginas vários dos elementos constitutivos que marcaram as diversas facetas do abolicionismo brasileiro. Cada um de seus textos transmitia os anseios que marcavam as vivências de alguns jovens rio-grandenses que optaram por, pelas páginas de um periódico, manifestar suas insatisfações com a situação vigente, no caso, em referência às injustiças, mazelas e anacronismos da escravidão. Um

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

dos países de mais tardia abolição da escravatura, tendo em vista as profundas raízes que tal sistema de exploração de mão-de-obra deitara em suas estruturas, o Brasil deixaria espaço aberto para que segmentos de sua juventude viessem a reivindicar a sua real inclusão no chamado mundo civilizado, empreendendo verdadeira cruzada libertária em nome da causa abolicionista.

O abolicionismo desenvolveu-se normalmente de acordo com a perspectiva mais generalizada de crítica à escravidão, então difundida, voltada a promover a ideia abolicionista como antinomia ao passado; ou seja, em nome da humanidade, da civilização e, enfim, do progresso, o escravismo deveria ser renegado, por representar uma estrutura retrógrada e anacrônica, tanto em relação ao presente, quanto ao porvir. Para *A Luz*, a imprensa tinha um papel social muito bem determinado, e no seu caso, essa função estava vinculada à execução de uma verdadeira missão em torno da causa abolicionista, no sentido de divulgar ideais e convencer o público leitor quanto aos méritos da emancipação dos escravos. Por um lado noticiando acontecimentos ligados à campanha abolicionista e às manumissões, rendendo preitos às províncias precursoras no caminho da emancipação, e homenageando individualidades que lutavam pela causa ou promoviam alforrias; e, por outro, atacando com veemência o conteúdo de injustiça, as mazelas sociais e o anacronismo advindos da escravatura, a folha entabulou sua construção discursiva, voltada, assim, a legitimar atitudes e pensamentos do movimento abolicionista, bem como deslegitimar os dos defensores da manutenção do escravismo.

O jornal abolicionista edificou, desse modo, um norte editorial baseado na dicotomia liberdade X

escravidão, em versões que, certas vezes, chegaram bem próximas a um maniqueísmo, onde, tudo que era bom era representado pelo abolicionismo, enquanto que, todo o mal ficava encarnado na figura dos senhores de escravos que não queriam abrir mão da forma de exploração de trabalho usual no país. Nesse sentido, o pensamento da *Luz* em vários momentos chegou a ser simplista e reducionista, no sentido de uma idealização de um Brasil melhor, onde, prevalecendo os princípios da civilização e da humanidade, se romperia com a anacrônica escravidão, através da vitória do progressista abolicionismo, ou seja, seria a inexorável superação do velho pelo novo.

Além disso, como não poderia deixar de ser, o discurso da folha era marcado pelas circunstâncias e conjunturas da época em que foi construído, de modo que, muitas vezes, apesar de lutar em nome da causa dos negros, o periódico, sem perceber ou descuidadamente, utilizou-se de expressões eivadas de preconceitos raciais, mas extremamente recorrentes à formação histórica brasileira, nas quais o termo “negro” aparece de forma pejorativa, como nos casos de “negrores da ignorância”, “negreja uma coorte vandálica”, “negror do cativeiro”, “longo sudário negro” e “baluarte negro da Bastilha”. Na mesma linha, o jornal apresentava uma certa ingenuidade simplista em algumas de suas manifestações, notadamente quando se referia à mudança social pela qual passaria o escravo, com a abolição, pois, segundo a publicação, vindo a emancipação, o liberto tornar-se-ia – quase que de forma automática – um cidadão livre e igual aos demais, ficando demarcada em vários momentos a emissão de frases de efeito como “o nobre e o plebeu, o branco e o

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

preto, esquecendo a distância que os separa, unindo-se na falange da igualdade brasileira, solidificam o edifício sacrossanto do patriotismo nacional". Idealizava-se, assim, uma realidade de igualitarismos pouco provável, ainda mais de maneira imediata, como se os ideais "patrióticos" fossem o suficiente para vencer séculos de preconceitos e ressentimentos.

Por vezes, a construção discursiva da *Luz* aproximava-se ao senso comum da maior parte da imprensa, ao encarar a abolição como verdadeira obrigação de um país que pretendia alocar-se plenamente no rol dos "povos civilizados", no entanto, apesar das visões até certo ponto simplistas e mesmo ingênuas, o jornal foi um dos poucos que se preocupou em deixar evidenciado um caminho em direção à incorporação do ex-escravo ao todo social. Nesse sentido, os pronunciamentos abolicionistas eram acompanhados por uma constante campanha para a educação dos libertos, combatendo as teorias que insistiam na incapacidade dos negros para o aprendizado e apontando a esse como o único caminho para evitar a marginalização social dos alforriados. Apesar da discrepância nesse aspecto em relação a maior parte da imprensa, o discurso da *Luz* não chegou a caracterizar-se como revolucionário, em relação ao *status quo*. Em verdade, a folha pretendia que a abolição fosse obtida dentro dos parâmetros normais e legais da organização do Estado Nacional Brasileiro, de modo que o escravo, de forma passiva, acabaria por receber, ou seja, seria agraciado com a sua libertação, não precisando, portanto, lutar pela mesma. Assim, mesmo quando fez referências a processos de rebeldia, citados como exemplos na história mundial, o periódico não

chamou atenção para o caráter revolucionário desses movimentos e, até mesmo o conteúdo democrático, foi poucas vezes lembrado, prevalecendo isto sim, nas edificações discursivas do órgão abolicionista, o cunho libertário no sentido de um pensamento liberal e até moderado.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 15 de março de 1884.
Ano 1. N. 1. p. 1.

Título: Programa

Tema: expressão das ideias fundamentais e do norte editorial da folha

Na vastíssima arena jornalística desse século, onde as teorias caducas de uma filosofia jesuítica, empestada por anacronismos aleijados e atrasadores caem ceifadas pelo gládio fremeante da nova civilização: quem, com mais ardor batalha em prol da escravidão, é o Abolicionismo.

A ideia que nasceu da mente do grande TIRADENTES, para cair aniquilada com a cabeça de seu gerador, ante os pés de uma populaça desenfreada, que se riu vendo assassinar um homem, surgiu das cinzas daquele patriota para servir de escudo a um milhão e meio de desgraçados!

Nós, a mocidade, o sustentáculo do presente e a esperança do futuro, temos orgulho em trilhar ao lado da falange de bravos, de Apóstolos do Bem, em busca da vitória, que nos aguarda.

Dispomo-nos à luta com a convicção arraigada de que o futuro é nosso.

Na fundação de nossa folha, tivemos em mira, unicamente, essas duas palavras: – Liberdade e Instrução.

A nossa ideia é uma tentativa: a corroboração de uma

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

minguada partícula da mocidade rio-grandense em prol da cruzada santa, nascida da resolução enérgica de homens que sabem pesar mui bem a sua dignidade de Brasileiros.

Como GOETHE, moribundo, pedimos luz. Luz para os moços e para os escravos! A par da Instrução, o Abolicionismo!

Que o público nos comprehenda e digne-se encorajarnos num labor bendito, como é o da supressão imediata do elemento servil.

São esses os nossos maiores desejos.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 15 de março de 1884.
Ano 1. N. 1. p. 2.

Título: Educar os libertos

Tema: um dos pressupostos básicos defendidos pelo jornal, ou seja a inserção do liberto através da educação

Na época que atravessamos a completa condenação do elemento servil é a principal questão que traz preocupado o espírito da maioria do povo brasileiro.

Germinam sociedades abolicionistas, patriotas alforriam seus cativos, o povo redime seus irmãos.

Poucos há que se lembram, porém, da educação dos cidadãos que ontem foram escravos.

Não basta que os deixemos banharem-se nas águas cristalinas do Jordão purificador da Liberdade; é necessário também, que lhes ensinemos o que eles foram – escravos, o que são – cidadãos, e o que devem ser – laboriosos e honrados.

O homem acostumado ao dialeto repugnante da senzala; a assistir as cenas canibalescas das fazendas sob o jugo atroz de um feitor bárbaro, não pode de maneira alguma, ter o

espírito esclarecido.

Desatarmos os nós que prendem os pulsos magoados de uma criatura a um poste de horrores e de vergonha sem alumiar-lhe o espírito com o facho ardente de uma nova civilização, não é dar-lhe de toda, a liberdade; porque ela está livre de um jugo despótico que a oprimiu, não está da mesma forma, isenta dos negrores da ignorância.

É de muita necessidade, pois, acostumá-la a encarar a sua liberdade como uma nova vida a trilhar; desvendar-lhe os olhos, ensinando-a a compreender o seu estado livre.

Muitas e mui sérias consequências nascerão do estado analfabetico do liberto.

Colocai no meio de uma luz benéfica, brilhante, surpreendente, uma criança que tivesse passado os anos numa completa escuridão; ela por certo se admirará e aturdida, terá ímpetos de afastar-se daquele foco luminoso.

Assim, o escravo:

Habituado a um contínuo tropel de palavras hórridas, sem outro contato a não ser o daqueles companheiros de infortúnio

[...]

à nossa lavoura, porque será pobre de braços.

A não ser assim, virá a indolência, a vadiagem, e estas havendo, teremos a lamentar [...] por conseguinte [...].

Que um punhado de homens, entusiastas do progresso deste rico Império, se levante e [...] essa tão urgente medida e a veremos logo realizada, pois estamos certos da força de todos habitantes dessa terra.

Que nossos inteligentes legisladores ditem contra a falta de indústria e instrução dos libertos, e os encaminhem ao trabalho, pois, vai o adiantamento de nosso País fadado a ser otíssimo e não curvar-se sob o peso de penosas escabrosidades.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 15 de março de 1884.
Ano 1. N. 1. p. 2-3.

Título: A imprensa

Tema: profunda censura aos jornais que vendiam suas páginas à causas espúrias

Falar da imprensa nos tempos que correm é tarefa mais que espinhosa aqueles que, como nós, discordam completamente da maneira pela qual a filha de GUTENBERG é olhada no presente.

A imprensa, que em tempos idos era uma deusa adorada, serviria, estamos certos, de um foco de admiração ao seu gerador, se por um acontecimento inesperado da Natureza, ele viesse hoje a ressuscitar.

Não é mais a virgem pudica que escondia, com pejo, as castas formas com um tecido espesso aos olhos profanos; a donzela recatada, que queimava na pira de sua virgindade perfumes à imagem do BEM.

O rosado de suas faces apagou-se, o decoro de suas palavras extinguiu-se. Tudo para ela transformar-se. Agora é a mulher macilenta, dessas que a cor da tez anuncia uma vida prenhe de vícios, de orgias.

Cobre-se de gaze transparente quanto é necessário para conhecer-se o desenho de suas formas.

Faz praça de seus sentimentos condenáveis e, muitas vezes, vende-se a quem mais dá.

Não se deve tomar essas nossas palavras, por um insulto atirado ao jornalismo. Não somos capazes de praticar ação semelhante.

Bem se sabe, porém, que, salvo exceções honrosas, o jornal é um punhal, uma arma com que qualquer pode ferir a

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

outrem, sem que disso lhe venha responsabilidade alguma.

Vem a pelo apontar o CORSÁRIO, na Corte.

Apulcro de Castro, num tropel arrazoador de palavras que feriram o decoro de cada um, insultou a seu [...]; e estaria até aqui em seu posto de honra, se alguém não lhe houvesse covardemente assassinado em uma das ruas mais transitáveis da Corte. Porque os poderes que o deviam fazer calar, nada disseram, nem dirão nunca.

O que resulta daí? Que qualquer ofendido em sua honra pode desafrontar à mão armada, sem que a autoridade tome conta do ato; porque ela autoriza-o com sua maneira de proceder.

A queda desastrosa da imprensa que é olhada como um papel, e nunca como um escudo dos fracos e barreira dos fortes.

Vê-se que o jornalismo avantaja-se. Mas avantaja-se em que, de que modo? Resvalando num declive enorme, cujo termo é o pasquim.

Isso não se pode chamar progredir, mas simplesmente – retroceder. Avantajar-se na ruína, no pego; retroceder em progresso.

Ah! GUTENBERG, tua obra está a perder-se.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 15 de março de 1884.

Ano 1. N. 1. p. 4.

Título: O abolicionismo

Tema: primeira matéria do periódico a respeito do seu tema central

Apesar do indiferentismo do governo em face da magna questão do elemento servil que tão discutida tem sido

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

no parlamento e na imprensa, a despeito mesmo da oposição sistemática movida pelos agentes do crime, esses párias sociais que se chamam escravocratas, os patriotas sinceros, bem longe de desanistar, prosseguem tenazmente nessa cruzada abolicionista, intrépidos, resolutos, com a convicção inabalável dos espíritos fortes e iluminados.

Ainda bem! A gloriosa província do Ceará, a terra da liberdade, na frase de José do Patrocínio, trata de reabilitar-se totalmente.

Dezenove municípios estão emancipados e promovem os cearenses a libertação do elemento escravo da província.

O movimento da propaganda abolicionista cresce espontâneo, e por isso mesmo os seus resultados serão mais profícios, a sua influência mais vasta e regeneradora.

Multiplicam-se em todos os pontos do país as sociedades em favor da emancipação dos escravos.

E temos fé que o futuro e a experiência melhor aconselharão aqueles que querem negar a evidência dos fatos, vendo obstáculos na realização de uma medida de grande alcance financeiro e social.

A escravidão condenada como uma instituição fatal, contrária às leis naturais, atentatória dos direitos da Humanidade, têm contra si a opinião universal, baseada nos princípios puros da civilização moderna.

A permanência de uma posse ilegal é um atentado sem nome perante às primitivas leis constitucionais. Um distinto escritor brasileiro, fazendo histórico da escravidão entre nós, diz:

“Enquanto no nosso país perdurar a escravidão, nunca poderemos atingir a esse supremo ideal dos povos civilizados.”

Inspiramo-nos, pois, nos preceitos da justiça e da igualdade humana.

Imitando a grande União Norte-Americana, o Brasil

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

há de tornar-se certamente rico e poderoso.

Esperemos, portanto, a aurora que há de iluminar o formoso dia da emancipação da grande nacionalidade brasileira.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 25 de março de 1884. Ano 1. N. 2. p. 2-4.

Títulos: O dia 25 de março; Ceará; O Ceará livre; A redenção do Ceará

Tema: edição especial alusiva à emancipação na província cearense

Só quando uma nação é livre, é que ela tem caráter, escreveu Mad. de Stael.

Ceará, a província do Norte que mais ama o sossego dos seus, compreendeu que o domínio que estava sofrendo não podia unir-se aos sentimentos dela.

A escravidão, para essa filha da luz, era o mesmo que uma dessas enfermidades cruciantes que, atacando o paciente, fenece-lhe, de pronto, o existir.

Possuir escravos em seu território, era ter no corpo a chaga moral; lançar o seu futuro no pó do olvido; entregar seus filhos ao terror da mais fera das criminalidades!

Pensou, pois. Era de muita urgência, da maior necessidade que se cicatrizasse a ferida para que ela, enraizando-se, não fosse contaminar os membros saúses.

A Liberdade aí estava a sorrir-se, e o seu sorriso parecia predestinar um grande acontecimento.

O Ceará tomou-lhe das mãos o facho auriflamado, e o seu fogo ardente, que jorrava da arma da deusa sedutora, começou

**FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS**

a debelar o mal.

Os sertanejos, aqueles cearenses honrados, que de há muito tinham os pulmões fechados às auras fragrantes dos livres, atiraram-se ao labutar, com esse patriotismo, que é um dos característicos dos grandes homens.

A 8 de Janeiro, já vinte e oito municípios eram redimidos; não ouviam o gemer do cativo na palhoça, nem o da escrava sob a pressão do vergalho!

Sessenta dias apenas corriam e a onda avolumava-se enormemente: o número elevava-se a cinqüenta!...

Nesse prodígio estava estereotipada a força de vontade dos filhos sinceros do Ceará, esse colosso pelo qual as outras províncias hão de, a seu turno, moldar a estátua da Liberdade!...

Estava dado o primeiro passo; era mister seguir ovante, com a mesma convicção arraigada.

À frente desses batalhadores da civilização, negrejava uma coorte vandálica, uma multidão de motores da torpeza, a querer impedir a correria aérea do movimento abolicionista!...

Grande ingenuidade!...

Quem tem forças para impedir o trânsito a uma multidão sôfrega, que salta barreiras altíssimas, em busca de sua vitória; que se atreve a lançar cadeias ao mar, que derruba muralhas, mas não se avilta?

Pode-se, por acaso, chocar a queda do Niágara; mandar que se recolham as lavas ardentes do Vesúvio; procurar a inércia de um povo que deseja o seu estado liberto?

Não; é asneira, é completa loucura!

Os fervidos cearenses nada olhavam; cegos como uns gladiadores romanos, prosseguiam na liça.

Hoje, o Ceará liberta-se, totalmente; expulsa

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

daquelas plagas benditas, de que tanto falou Alencar, o cancro que a enfraquecia, a mácula que a inodoava.

Agora é a terra livre, o tabernáculo da Democracia, o teto hospitaleiro dos cidadãos!

A Luz, como humilde paladino das ideias democráticas, arranca de seu seio fervoroso de moço, uma saudação cheia de entusiasmo aos bravos do Ceará, às consciências impolutas que não se venderam ao esclavagismo!

Honra a eles!

Quiséramos poder reunir, uma por uma, todas as lágrimas das escravas jubilosas, e derramar por sobre a cabeça da nossa irmã do Norte, a primogênita da Liberdade, dizendo-lhe: – Repara, quantas lágrimas se derramaram entre o teu povo; de prazer também se chorará!

Andrada, arranca esse pendão dos ares!

Colombo, fecha a porta de teus mares!

Castro Alves.

Hoje é que se apresenta, placidamente, no cenário brasileiro, esse dogma majestoso das consciências nobres, a alavanca poderosa do progresso que, a sua frente, faz luzir a chave da civilização, dominada por esse grande oráculo da liberdade: – o Abolicionismo!

É hoje que, nas plagas cearenses, onde a fronte escalvada do serrano, ilumina-se pelos clarões livres destas serranias gloriosas, fulgura o sustentáculo das grandes tentativas em prol da civilização!

É no Ceará, na terra de José de Alencar, onde o amor da pátria viceja, enérgico e sublime, para exterminar a escravidão, a mácula terrível que nodoa as mais belas páginas

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

da história da democracia brasileira.

O escravo, que ontem era açoitado pela mão hedionda do carrasco, naquele chão em que existem as manchas de sua lágrimas, onde tantas vezes gemeu, onde passou seus dias de agonia e torturação, vai agora mirar-se, pois no solo está o grande espelho da verdade e da justiça.

Ontem era o sussurro medonho das senzalas; hoje é um grito feérico, saído de todos os peitos, que repercute pelos sertões, como dizendo estas palavras majestosas: – Somos cidadãos.

O nobre e o plebeu, o branco e o preto, esquecendo a distância que os separa, unindo-se na falange da igualdade brasileira, solidificam o edifício sacrossanto do patriotismo nacional.

O Ceará é uma das províncias do Brasil, onde o patriotismo é um dogma verdadeiramente sagrado: a artilharia poderosa que descarregou o golpe fatal no cancro mais horripilante do solo brasileiro.

*Grandiosa terra, mostraste à outrem que, enquanto mercadejam com carne humana, tu **sobranceira a todos**, ergues a fronte para o grande cometimento, dando lições de caridade e de amor da pátria!*

Eu que sinto um estremecimento de irmão e simpatia pelo brioso povo Cearense, não deixo de enviar-lhe das minhas plagas

rio-grandenses, um bravo entusiasta pelas nobres e gloriosas ideias pela missão heroica e sublime daqueles que deram o primeiro passo à extinção da escravatura!

Nós, envoltos no estandarte da democracia brasileira, saudamos ao glorioso povo do Ceará, a augusta terra da Liberdade!

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Salve!...

O Ceará cansou-se de ouvir o gemido do escravo e o lacrimejar da cativa.

Não quis que os filhos nascessem mais a par de uma instituição vandálica que é a transformação súbita do Brasil numa nação de torpezas. Sonhou com a liberdade, com essa vida risonha e santa, que traz a civilização dos costumes.

Ontem - o negror, a noite escura e tempestuosa, que arrojava infrene, os destino de um povo no abismo das criminalidades; o vento rijo e devastador da desgraça a atravessar os sertões seculares, beijando sarcasticamente as frontes dos filhos do Norte!

Hoje - o brilho surpreendente das alvoradas primaverais; cascatas luminosas que deixam jorrar de si flocos ardentes de felicidade; a brisa fresca, impregnada de perfumes a borboletar por sobre os cabelos negros e encaracolados de milhares de cidadãos! Oh! felicidade inaudita; oh! prazer grandiloquo para um povo, que se pode abraçar como irmão!...

Sou livre, diz o Ceará; o meu seio, outrora maculado pelos ósculos libertinos da pirataria; manchado pelo cuspo cínico dos traficantes de meus filhos, lavei-o, imaculei-o, hoje, com as lágrimas prazenteiras de milhares de desgraçados que são ditosos.

Ceará é mãe; ama a seus filhos com o transporte vívido e cândido das boas almas.

Mas, ela vivia triste, infeliz por ver que suas mãos violáceas por um labutar contínuo, eram poucas para guardar as lágrimas e o sangue, que dimanavam de sua prole. Os filhos eram desgraçados, e ela desgraçada duplamente.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Um dia, ela leu: "Liberdade! tu sempre serás doce, e o amargo pão te parecerá saboroso."

Um raio de luz inundou-lhe o espírito; um rio de doçura correu-lhe pelo coração retalhado pelo sofrer!...

Reflexionou: Que alegria, que contentamento para ela, pobre mãe, não seria ao dar aos seus filhos o pão liberto de que lhe falavam, maximé sabendo que eles nutriam-se com o alimento amassado a lágrimas e a sangue!...

Desse dia, a vimos correr, a voar por sobre os tetos palatinos, implorando do rico uma esmola para o pobre, do ditoso para o desgraçado!

Não se poupava a misérias; de andrajos esfarrapados e pés descalços, procurava... Queria o pão da Liberdade, e levava no coração a crença e a esperança.

O Ceará hoje é um povo livre: a mãe achou e distribuiu pela prole o alimento liberto.

Agora, em lugar da chuva de prantos – chuva de risos; para substituir as súplicas – hinos celestes; o vergalho do feitor, espanando – sangue, transformou-se em açoite da Razão, espanando – luz; e o – escravo é – cidadão!

A mãe pode viver para o filho, e os filhos bendizerem sempre dos pais. Não mais se ouvirão os gritos horrorosos, nascidos da flagelação canibalesca; o tronco cai ao esforço titânico do machado da Justiça, e os grilhões se despedaçam ao impulso suave da Liberdade.

*Parodiando o poeta:
Dos bronzes dos grilhões façam-se estátuas!
Das senzalas, escolas para crianças!*

*Oh! jangadeiros; vós que trabalhastes pela negreira;
que não haveis consentido que as vossas embarcações
servissem de transporte de carne humana e escravizada;
homens do mar, vejam o resultado benéfico, luminoso de vossa
obra: – o berço balouça-se ao som das cantatas libertas, a
Pátria olha orgulhosa o torrão abençoado, e Deus sorri-se à sua
primeira estrela redentora.*

*Abrem-se hoje as fendas do céu para, através do
desmesurado espaço do infinito, o luminoso sol da liberdade
espalhar seus raios animadores sobre a província do Ceará.*

*Ela, ao lançar para o futuro um olhar livre pela sua
independência e desassombrado pela redenção de seus filhos,
eleva ao grêmio da posteridade a sua inolvidável glória,
enquanto a sua população inteiramente livre, planta sobre o
abençoado solo cearense uma vergôntea da gigantesca e
fecundíssima árvore da portentosa Redenção.*

*Cumpriu o seu dever pugnando pela liberdade de
seus filhos, a qual hoje alcançou e com ela um padrão de
glórias para com caráteres indeléveis ser inscrito nas laudas da
história do vasto Brasil.*

*Se a pátria do imortal Paranhos sentiu-se cheia de
júbilo ao deparar no Elemento Servil a regeneração da
Liberdade; transformada na lei humanitária do Ventre Livre; a
qual dispôs que ninguém mais nascesse escravo no Brasil,
ainda mais deve rejubilar-se neste memorável dia em que uma
população inteira arvora o estandarte de sua emancipação,
entoando os últimos hinos da Liberdade.*

*Libertando a população escrava cearense, essa
província concorre com o seu importante quinhão para esse*

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

monumento de tão alta importância; pelo qual pugnaram os vultos possantes de José Bonifácio, Cândido de Menezes, Paranhos e Luiz Gama, essa vítima da escravidão que honra à terra que lhe deu o berço.

Se o Brasil contasse com campeões esforçados da Liberdade, como tais são os jangadeiros cearenses, de certo em todo o universo não se encontraria um brasileiro escravo.

Apesar da Nação Brasileira conter-se ainda no esclavagismo, lugar este que não lhe coube, nem mesmo pode caber por ser ela uma das maiores e mais futuras nações do mundo civilizado, aquele povo surgiu do obscurantismo, entrando às portas do mundo sociológico para ocupar um lugar distinto nas fileiras dos povos livres.

Ceará, agora que és livre, trata de – educar os libertos – pois que tendes de um lado a alavanca do progresso, e do outro, como xigorada divisa, a sacrossanta liberdade, esse apóstolo da verdadeira educação, esse cofre depositário de todas as luzes para o adiantamento moral e intelectual dos povos, esse astro resplandecente que o divino Criador do majestoso universo formou entre as sublimidades da grande e muda natureza, o qual arremessou entre os profetas das regiões futuras, para contemplar a humanidade que sofre nos mártires da escravidão.

Ergue-te, Ceará, eleva-te à altura do cimo do altar da pátria, para lá reunires a tantos outros, os louros de tua glória.

E, se pudéssemos volver os olhos para lançar um olhar sobre essa província do Império, ver-se-ia: o vulto sacrossanto do filho de Maria, do alto da Cruz, ensinando aos modestos cearenses doutrinas da única e verdadeira Liberdade.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 28 de abril de 1884. Ano 1. N. 3. p. 1-2.

Título: Ao jornalismo brasileiro

Tema: apelo enfático pela causa abolicionista

A imprensa, esse raio cintilante da mente fervida do operário da Mogúncia; o cofre do desenvolvimento intelectual; o tesouro de ideias, deve ser livre como o seu gerador.

O jornalismo é uma religião que, como qualquer outra, é necessário respeitar e, seus pugnadores, Apóstolos cujas palavras devem ser ouvidas e tomadas em crédito.

Mas, para que a imprensa tenha aos olhos do povo, o juiz reto e exigente, os foros que deixamos apontados, é necessário, primeiramente, que ela saiba criar nome, subir ao verdadeiro grau a que pode ser elevada.

Urge, para isso, que não deixe acolchetar ao poste das conveniências particulares, lançando sempre, para longe de si, essas questões baixas que trazem os questionadores ao terreno escorregadio do menosprezo.

Ser jornalista, não é servir-se da imprensa como tuba apregoadora de suas paixões, como arma contra os inimigos e cofre para seus ódios pequeninos.

Proceder assim é rebaixá-la; levá-la ao ínfimo ponto das inconveniências.

Mas não; é sua missão engrandecê-la, elevá-la ao lugar alto marcado para as grandes invenções, os grandes cometimentos.

Trazendo à barra da publicidade as questões sociais, estudá-las com esmero, mostrando qual o melhor meio de as realizar.

Nunca transformar a pena em gládio vingador, nem molhá-la em fereza para salpicar em outrem; porque elas voltam e vêm enodoar o ofensor.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Feitas essas observações, foi nosso intento engrandecer a imprensa de que somos humilde satélite, e indicar uma mácula que a desacredita, se não a corrompe.

Permitam nossos ilustres colegas que entremos, agora, no reconhecimento da nódoa de que falamos, acima.

A condenação imediata e completa do elemento escravo no Brasil – é a questão que traz mais interessado o povo brasileiro, máxime a parte dele que ama o engrandecimento de seu país.

De dia para dia, surgem auxílios em prol dessa cruzada promovida pelos patriotas brasileiros, e cada qual se esforça mais em manifestar suas ideias libertadoras.

O jornalismo, pois, não deve afastar-se desse pensamento popular porque, fugir dele, será ir para o passado, deixando o porvir; abraçar a maldade, tendo conhecimento do bem.

Como um baluarte livre, deve expulsar, de uma vez para sempre, de suas colunas, esses padrões que atrasam e são atentatórias dos princípios que dominam na época.

Queremos falar dos anúncios que marcam preço à venda de uma criatura, ou o aluguel de seus serviços; o prêmio estipulado a quem roubar a liberdade de um homem que foge ao tronco e à gargalheira.

Não; a imprensa tem muito mais elevada missão; tomou-a em seus ombros, é obrigada a cumpri-la.

Não deve aparecer para apregoar os serviços de uma mulher que viu arrancado dos seios o fruto de suas entranhas, para ser jogado a um canto, e ela, a desgraçada, ter obrigação de alugar o sustento que era do filho, a um estranho, que depois de criado, há de chamá-la de – negra. É verdade que

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

desse proceder se afastam alguns, mas esses, infelizmente são raros.

O jornal não é padrão de infâmias; deve arrancar de si o que lhe macula, como se extirpa o cancro que corrói o corpo do mortal.

Banir de suas colunas tudo o que vá contra o desafortunado escravo, e não se pespear aos interesses da traficância.

– Vai daí a grandeza do Apostolado, e a satisfação da escravatura que, mais tarde, pode mostrar ao estrangeiro a imprensa de sua terra e exclamar, orgulho de si:

– Vê; o jornal aqui não é um papel, e sim uma lâmina preciosa.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 28 de abril de 1884. Ano 1. N. 3. p. 2-3.

Título: A escrava

Tema: crônica profundamente crítica quanto à falta de valores morais inclusas na questão escravista

O leitor dê-se ao trabalho de criar um rosto oval de uma cor morena, mas desse moreno acetinado, que encanta, cujas linhas se correspondam artisticamente; uns olhos azuis como o cetim do céu, numa dessas lindas tardes de primavera; uns cabelos de cor de ébano, formando ligeiros caracóis e uma boca pequenina e rosada como duas pétalas de flor a desabrochar.

Franje, agora, os olhos com umas pestanas compridas e da cor dos cabelos, coloque-lhes na boca dois fios de jaspe, e no queixo deixe transparecer uma covinha meio funda, e terá a imagem, se não verdadeira, ao menos com bastante parecença ao rosto de Rosa.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

*Mas quem é Rosa, de quem falamos?
Tendes desejo de travar conhecimento com ela?
Um instante...*

Rosa é uma dessas belezas peregrinas que surpreendem, logo à primeira vista, aquele que a encara.

Tem 16 anos, uma boa alma, e é escrava.

Não é provinciana; quando pequena venderam-na, de S. Paulo, entre outras infelizes crianças. Passou por muitas mãos, e qual Áshaverus, o seu destino era – caminhar.

Afinal, uma família tomou-a para criada de dentro, para servir-me da expressão familiar, o que quer dizer que Rosa tratava do serviço doméstico.

Contava ela todas as amarguras porque tinha passado, e quem a ouvia, chorava com ela, e deduzia da conversação que o seu viver era, simplesmente – horroroso!

– Tinha saudades de sua terra, dizia ela. À noitinha, quando acabava o trabalho, sentava-se sob uma árvore copada que havia no jardim da casa em que estava, e lembrava-se de sua mãe.

Porque, ela possuía mãe, escrava também que tinha ficado no cativeiro de seu primeiro senhor.

E as lágrimas de fogo que dimanavam de seus olhos, misturavam-se com o sereno que, de gota em gota, caía compassadamente, das folhas do laranjal.

Ela estimava-os tanto... tanto, meu Deus!

Os folguedos infantis, aos domingos em que havia um pouquinho mais de folga.

Junto com os irmãozinhos de menor idade ia brincar pelo campo, atirar-se alegre, na relva viçosa, onde cada qual virava a sua melhor cambalhota.

E depois o seu pensamento virgem como o seu corpo,

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

e como ela mesma, vagabundeava em outro rumo: – o negror do cativeiro de seus pais!

Viu-os [...], de mãos amarradas às espáduas, sofrerem, com as pupilas lavadas de água, os castigos que lhes infligiam.

E, às vezes, ela rojava-se aos pés do senhor moço que administrava a fazenda, e pedia pelo autor de seus dias. Oh! pare que tal fazer!

Tinha por resultado ser chicoteada por um negro boçal, para aprender a ver sangue, dizia o senhor dela.

Davam-lhe palmatóadas nas mãos, nos pés: e em um dia em que não se tinha erguido do leito à hora marcada pelo feitor, acordaram-na com um ferro em brasa.

Não era mentira dela, como diziam. No braço esquerdo, acima do cotovelo, via-se uma cicatriz funda que horrorizava.

Ainda se lembrava, dizia, de uma vez em que sua mãe tinha sido castigada.

Despiram-na toda, que era uma miséria, ataram-lhe as mãos, e começaram o castigo.

A cada lambada da vergasta que caía-lhe sobre as espáduas, ela se retorcia com a serpente atacada.

Deram-lhe muito, muito: e quando a viram quase a cair sem forças, lavaram as feridas que o chicote tinha impresso em seu corpo, com vinagre e pimenta verde.

Ela narrava outras muitas desumanidades que a gente ouvia calado por não encontrar no vocabulário das expressões condenáveis uma palavra que indicasse bem a raiva que ia-nos no peito.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Rosa, bem sabemos, vivia como escrava e criada em casa de uma família, não muito abastada.

O chefe desta era um homem de idade já madura, pai de alguns filhos, ainda menores.

O seu passado, a vida de moço, foi um tempo cheio de peripécias vandálicas, nas quais o homem estraga-se, perde o critério entre a sociedade, e é desprezado pelos que amam o seu nome.

Como libertino, os seus olhares maculados foram procurar pasto no corpo virgem de Rosa.

Oh! desgraçada lembrança desse homem que não sabia honrar a esposa e seus filhos inocentes.

Desde esse dia amaldiçoado, Rosa viveu entre mil angústias, que se iam amontoando de dia para dia, com mais e mais crueza.

Debalde ela, pobre pomba em vésperas de ser empolgada por ignóbil falcão, debalde pediu dom as palavras mais ternas que não lhe quebrasse o seu único escudo.

Ele não a ouvia ou fazia que a ouvia.

Entregue a uma loucura, a um desejo torpe e malvado, queria ir ceifá-la na pobre cativa.

Alma vil, não viu que a honra da mulher, é o único tesouro, digamos mesmo o único baluarte contra os botes de vandalismo!

- Era sua escrava, tinha-a comprado a dinheiro, e portanto podia utilizar-se dela de qualquer forma que lhe sugerisse o pensamento.

Mas não!...

Pode-se vender os serviços de uma mulher, dar autorização a que o comprador a espanque, e fira, mate-a mesmo, porque se tem dado esse caso e o ofensor fica impune; porém, é infâmia marcar-se um preço à sua virgindade!

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 15 de maio de 1884. Ano 1. N. 4. p. 1.

Título: A Lei de 28 de Setembro

Tema: críticas aos limites da legislação abolicionista brasileira

Se há instituição torpe e malvada, crime horroroso e desgraçado, opressão bárbara e sem limites, é por certo, a escravidão!

Não somos pessimistas; escrevemos a coisa tal qual ela é.

Como nós, encarou Rio Branco o cancro contaminoso; e se não fez o quanto deseja para debelá-lo, foi pela franca porém injusta oposição que lhe moveram os seus intitulados amigos da dissidência, resultando daí a modificação de seu trabalho.

A grande obra que, como um jorro de luz numa escuridão tumular, raiou nos bicos de sua pena, certamente molhada no pranto das cativas, é um atestado da revolução que lhe ia pelo cérebro; uma prova de seus sentimentos libertadores.

Naquela fronte veneranda, coroada pela neve que anuncia a lide a que estava exposto, aquele a quem foi entregue o destino de uma multidão de infelizes, brotavam os raios diamantinos de um acontecimento que trouxe consigo lágrimas de prazer, e risos de raiva. Lágrimas das mães escravas que viam seus filhos livres; risos do escravagismo, a hidra social, que via, arrancadas de suas garras, bastantes vítimas.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

A lei de 28 de Setembro foi um grande passo para o porvir, porém não se pode, por isso, deixar de exigir mais em favor dos cativos.

O Brasil não pode ficar só com uma lei que liberta o filho, mas que deixa a mãe na escravidão. O filho, depois de suportar o domínio de seu senhor, mesmo estando incluído em uma lei que o declara livre, pode gozar de seus direitos concedidos; a escrava é mãe do cidadão, mas retorce-se ao sibilar do vergalho, e é flagelada no tronco.

E o filho há de presenciar esse espetáculo, inerte para que não o possam apelidar de usurpador dos direitos de PROPRIEDADE!

É uma lei incompleta, digamos mesmo, desumana; e ainda assim não é cumprida em todo o rigor da palavra.

Por isso é que o dia do nascimento do ingênuo é trocado por outro antecedente, para que venha daí a sua escravidão!

Ainda não ficamos aqui.

Temos visto, desvergonhadamente, anunciar-se a venda de crianças livres. Os NEGOCIANTES indicam a idade precisa do inocente, insultando assim a obra de Paranhos.

Mas, a verdade é que S.M. o Imperador, que se tem pelo mais esforçado abolicionista deste Império, sabe de toda esta torpeza, lê as folhas que a denunciam e não toma medidas a tal respeito.

Conserva-se mudo; e depois, em tempos perigosos para a terra que domina, esquia-se dos revezes do trono, indo à laia de viagem científica passear pela Europa.

Vai à França, bate à porta do Apóstolo da Democracia, o grande Victor Hugo, e diz-lhe que a escravidão está extinta no Brasil!!!!...

Uma lei imperfeita e mal cumprida não é que vai exterminar o elemento escravo brasileiro.

Não somos exigentes. Queremos justiça, simplesmente

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

justiça.

Como abolicionista sincero, desejamos um termo para as misérias da Pátria; alguém que lhe guie os passos através da noite por que está passando.

Temos fé nos grandes homens, e a eles nos dirigimos, convictos de que levarão em crédito, as palavras de um brasileiro que cumpre o seu dever.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 15 de maio de 1884. Ano 1. N. 4. p. 2-3.

Título: Ecos

Tema: breves notícias sobre os avanços do movimento abolicionista ao longo do império

Está em viagem para o Brasil o ilustre Dr. Joaquim Nabuco, um dos mais esforçados batalhadores hodiernos pela causa dos cativos, e fundador da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão.

Que ele chegue, e admire o vôo altivo que leva o Abolicionismo.

Durante o mês de Março findo registraram-se 225 cartas de liberdade nos cartórios do Recife!

Pernambuco levanta-se e segue o trilho luminoso do Ceará livre.

Avante, patriotas!

Na Corte, diversas crianças fundaram uma sociedade abolicionista, com o intento de esmolarem para os desgraçados escravos.

Como é lindo, meu Deus! o saber-se que a

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

adolescência conchega-se às falanges libertadoras com o fim único de – redimir!...

E a mocidade rio-grandense não seguirá este exemplo que tem fulgurações de um prisma?...

Alguns negociantes escravocratas, na Corte, pretendiam por embaraços ao movimento libertador, reunindo-se para isso nas salas da Associação Comercial.

Dizem eles, que as contínuas manumissões que se têm dado, vão prejudicar muito ao comércio!

Não arranjam nada: o Abolicionismo vai muito longe para que o possam deter pelas vestes.

ABRENUNTIO!

Foi apresentado à Assembleia Legislativa do Amazonas um projeto destinando 500:000\$000 para um fundo emancipador da província.

Amazonas tem poucos escravos; é não têm nenhum.

Pelotas caminha. As contínuas manumissões que se têm dado na vizinha cidade é o atestado da força com que se enraizou, ali, a árvore da Liberdade, este cedro secular que há de abrigar sob sua folhagem ridente, o Brasil livre.

É no labor que nos ensinaram e aprendemos a conhecer os grandes homens. Que os nossos honrados vizinhos não desanimem em tão humanitários atos, e terão, não muito longe, a recompensa de seu movimento. A Pátria não agradecere a quem lhe governa, bendiz aos que laboram por ela.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 15 de maio de 1884. Ano 1. N. 4. p. 3-4.

Título: A mãe escrava

Tema: acusação contra as injustiças impostas à maternidade pela escravidão

A mulher nasceu para ser livre, para alentar a criança de hoje que há de ser o cidadão do futuro, para cumprir a sua honrosa missão perante a sociedade que é dar ao fruto de suas entradas o elemento primordial de sua natureza; mas nunca para ser considerada uma – mísica escrava.

Quantas mães que, sendo cativas, dão à luz da vida ao filho dileto que representa a carne de sua própria carne, para momentos após, a mão férrea do senhor arrancar-lhe do regaço esse enlevo primoroso, para então, alugar o sustento que a natureza nela depositou para alimentar a sua única e legítima jóia, que lhe faz esquecer as amarguras sofridas na existência.

Outras há que, depois de haver criado a muito custo essa entidade que lhe é tão cara, vêm-se obrigadas a separarem-se dela por uma fatal ilusão, isto é, pela venda organizada entre um libertino ignóbil e um negreiro infame, que sem saberem avaliar as delícias do amor maternal, separam uma mãe da preciosa dádiva com que Deus mimoseou-a.

E isto dá-se muitas vezes, sem ao menos ser concedido à carinhosa mãe o direito que só à ela compete de depositar nas faces da meiga criancinha, o beijo santo da maternidade.

Pobre mãe! Ao ver desmaiada entre as cenas da vida a inocência de uma entidade que lhe pertence para ser substituída pelo negror do cativeiro; curva os joelhos, ergue os olhos para os céus, e com a mesma humildade com que Madalena na frente da Cruz implorou o perdão, exclama com

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

as lágrimas a cintilar-lhe nas faces: grande Deus, divino obreiro do majestoso universo, derramai sobre meu filho querido a luz puríssima da magnificência, e com ela as sábias doutrinas da sacrossanta liberdade!

Mas; por nossa parte ainda acrescentamos que se torne contagioso o mal que afligia o infeliz cativo, para de seu corpo outrora cicatrizado pela vergasta traspassar-se para o do usurpador de seu sangue, que sem obedecer aos impulsos da vida social e sem determinar sequer os anais de sua existência guiado pelas poderosas doutrinas da religião do Calvário, prefere condenar os invioláveis direitos da liberdade.

Que miserável situação é a da desgraçada escrava, que sendo mãe, é incontestavelmente a verdadeira educadora, que constrói a grandiosa obra da instrução social?!

E ainda dizem com ironia os escravocratas que o monumento suntuoso da definitiva libertação dos servos é a completa ruína do mundo sociológico!

Mas; por nossa vez diremos: que do escravo faça-se o cidadão pra servir o país; da senzala – a escola para a instrução popular; da vergasta – simples instrumento para guiar os animais ao campo; porque as cenas da escravidão, são fastos horripilantes para a história da humanidade.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 15 de maio de 1884. Ano 1. N. 4. p. 4.

Título: A escrava

Tema: continuação da crônica iniciada no número 3, de 28 de abril de 1884

Eram 3 horas da tarde; jantava-se.

O libertino em sua senda reprovada, não quis um dia

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

mais que se passasse, sem efetuar o plano premeditado.

De súbito: ouve-se um tropel de passos, e Rosa, ofegante, entrar e cair de joelhos aos pés de sua senhora. Seguia-a o senhor cínico que, com os olhos injetados de sangue, atira-se para ela, exclamando:

– Nunca hás de deixar de ser uma mulher desobediente e má!...

Rosa levanta-se, e com uma dignidade lucreciana, diz, com voz clara:

– Não; nunca hei de deixar de ser uma mulher que não quer atraiçoar sua senhora, desonrando-se; que não deseja que o seu senhor se baixe a tal ponto, que faça da escrava a sua concubina!

Quem deseja aí, saber o resultado do procedimento de Rosa? Para que indagá-lo, se ele salta-nos aos olhos?

Pois, não se conhece que a recompensa da energia da escrava honrada é o vergalho?!...

As portas da cadeia que se fecham contra os culpados, dão também entrada aos inocentes: – Rosa foi levada à prisão, mesmo contra a vontade de sua boa senhora!

Imagine o leitor, as torturas, os suplícios porque passou a pobre cativa em casa tão maldita.

E agora, venham rosnar os senhores escravagistas contra o Abolicionismo; dizer que somos revolucionários, e que queremos a ruína do Brasil!

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 31 de maio de 1884. Ano 1. N. 5. p. 1.

Título: O Rio Grande e o abolicionismo

Tema: defesa da causa emancipacionista no contexto local

De há muito que o Rio Grande desejava possuir no seio de seus habitantes, uma sociedade que se interesse pelos destinos dos escravizados. Via no Norte, levantarem-se os patriotas em busca da redenção dos comprovincianos, indo nisso o empenho de suas dignidades em, o mais cedo possível, fazer com que desaparecesse, na totalidade, a escravatura do Brasil.

Essa cidade tinha vontade, muita vontade de seguir o intento nobre desses brasileiros progressistas: porém, como que lhe feneçiam as forças colossais que, para levar a efeito esta empresa, são necessárias.

Via entre seus filhos, esse desinteresse que acabrunha, essa desafeição que mata a causa preocupadora do espírito brasileiro. Arcar ela, sozinha, as escabrosidades de tal empresa, era dar alguns passos inúteis para depois cair.

Parece que o fluxo da onda libertadora que corria impetuosa, do Ceará, veio trazer ao Rio Grande a animação, o entusiasmo

pelo termo do elemento servil. E por isso é que, um punhado de patrícios [...] a estrangeiros que nos amam, compreendendo a eficácia da vida livre para nossos irmãos, lançaram bases a uma sociedade abolicionista, com o propósito firme de lutarem, nos limites da justiça.

Dos esforços desses associados, resultou a libertação de uma escrava, em regozijo a incitação dos trabalhos da sociedade.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Mas, quando esperávamos a continuaçāo das manumissões, estendeu-se pelo povo a frieza, a falta de influência em ajudar a sociedade que principiou com tão bons auspícios.

É impossível que os nossos patrícios, não compreendessem já, que viver escravo é ter no coração espinhos cruciantes que o retalham; que, enquanto, entre nós perdurar o elemento servil, não há de haver Pátria, e sim o aconchego de uma multidão de homens, que pouco se dão em atormentar seus semelhantes, seviciando-se, barbaramente.

E, sentimentos desumanos não se devem aninhar no seio de uma sociedade civilizada, como é a do Rio Grande; cidade que, temos compreendido, ama um tanto a causa que advogamos.

Assim, pois, longe daqui o desejo mal fundado de escravizar criaturas que, de direito, são cidadãos.

Condene-se essa instituição torpe, que é a ruína de nós todos, e muito principalmente da Pátria, para a qual devemos procurar maior soma de sossego; e se não procedermos assim, havemos devê-la a fenercer, sem forças.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 31 de maio de 1884. Ano 1. N. 5. p. 2.

Título: Abolição em Santa Catarina

Tema: expectativa pelo avanço do abolicionismo na província catarinense

A muralha escravocrata, por trás da qual se oculta a nova Bastilha negreira, começa a ser derrocada em todos os seus pontos, pedra por pedra.

A onda de sentimentos generosos levanta-se desse

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

oceano – o coração do povo – e estende-se iriadado pelas artérias do bem.

Os clubes abolicionistas surgem repentinamente em todas as províncias, e agora mesmo o raio de luz que envolveu o Ceará inteiro, acaba de esbater-se em Santa Catarina, a terra das mulheres divinamente formosas.

Graças à força de vontade do nosso amigo José Carlos de Carvalho, tem progredido de um modo extraordinário a propaganda em favor dos escravizados, e uma associação que tem o título de Clube Abolicionista, e que é composta dos cavalheiros mais distintos da cidade do Desterro, acaba de ser criada afim de redimir todos os escravos da província.

Sigam os filhos do sul o exemplo da Libertadora Cearense e, em breve, em lugar de um país de párias, teremos uma pátria de livres.

Libertem! cada homem que se arranca da noite do cativeiro, é mais um raio de luz a iluminar a consciência de um povo.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 31 de maio de 1884. Ano 1. N. 5. p. 3.

Título: O poder do escravo

Tema: denúncia contra os maus tratos impostos ao escravo

Ei-lo, o mísero escravo!

Como um condenado, segue a passos lentos o caminho escabroso da vida.

O seu viver, tem por limites o falso poder e a extrema miséria.

É um ente abjeto, uma personificação inconsiderável. Nele, o gesto, o olhar, o riso, a inocência, a fisionomia, o brio, a honra, o desejo, a vontade, a palavra, se é que ele pode proferi-

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

la; tudo muda, tudo transforma-se em um olhar mudo e baço, ao bramir da voz rancorosa do senhor, que, de látego em punho, faz com que obedeçam ao poder de sua vontade, ou ao desejo de martirizar a criatura.

Como filho, não pode contemplar naquela que lhe deu o ser, a autora de seus dias; como esposo não tem o direito de depositar no coração de sua boa companheira, aquilo que de mais querido e afável possui no mundo; como pai não lhe é concedido abraçar o filho inocente – a cândida flor de seus encantos – tudo devido aos direitos que ao seu senhor concede o negror do cativeiro!

Caminhar sempre é a sina do infeliz cativo, obedecer aos impulsos do senhorio, a sua deplorável sorte.

Mas, se o senhor pode empunhar a vergasta para fazê-lo curvar a cabeça, ao escravo cabe o direito de dizer-lhe: – curvate miserável na frente da Cruz, e no pedestal dela deposita o beijo do pecador, porque maculaste meu nome, porque ousaste usurpar o meu sangue!

E o senhor, o espírito malicioso e cheio de pretensões, ainda espera ver a desgraçada vítima morrer na opressão; mas ela – o escravo – deve contar com a sua derradeira esperança – ver sorrir para si, a primeira aurora da redenção.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 31 de maio de 1884. Ano 1. N. 5. p. 3.

Título: Ecos

Tema: notícias sobre os avanços do movimento abolicionista

O JORNAL DE PORTO ALEGRE, em um de seus últimos números, publica um telegrama edificante que nos faz

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

estremecer a alma de abolicionista.

Por ele, noticia-se que na cidade de Uruguaiana, onde as evoluções libertadoras se avolumam imensamente, foram libertos pela EMANCIPADORA URUGUAIANENSE, 109 cativos, do dia 28 do mês último até a data do telegrama!

Cento e nove criaturas arrancadas ao servilismo sangrento, importado de além-mar; cento e vinte e nove cidadãos que ainda ontem, ouviam sibilhar a seus ouvidos o chicote bárbaro, como uma gargalhada sarcástica a chacotear de suas posições lastimáveis!

Que espetáculo edificante! que festa brilhante para estes desgraçados “homens máquinas” que foram criados entre a depravação dos costumes do ceticismo da religião!

Quão felizes eles, obrigados a liberdade como uma quimera, um sonho dourado, impossível de alcançar-se!...

Ei-los cidadãos, à sombra do linho branco da Redenção, abraçados à cruz da Democracia!

Um bravo reverberante a essa plêiade de homens honrados que sabe colocar a Pátria no altar impoluto das nações civilizadas!

*Pelos escravos, por esses párias da sociedade:
Sublime, uruguaienses!*

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 15 de junho de 1884. Ano 1. N. 6. p. 1.

Título: Reações escravocratas

Tema: sustentação de acirrado conflito discursivo com os adversários favoráveis às estruturas escravistas

Parece certo que o sentimento escravagista quer

precipitar o advento da liberdade, na pátria brasileira, inspirando aos seus adeptos esses meios violentos e ilegais para que apelam sempre, em desespero de causa, os que se vêm perdidos ante a moral, ante a justiça e ante o progresso!

Tenta-se por um dique à torrente caudal, que atravessa um país esterilizado pelas agruras do cativeiro, e aspira-se a sufocar, seja porque meio for, essa expansão altruísta, que se desdobrou em festas esplêndidas e que levou a centelha do entusiasmo a todos os confins do nosso território.

A uma propaganda pacífica, feita com festivais, com músicas e com os encantos que a musa da liberdade prodigaliza aos que a invocam, tenta-se, opor uma resistência sinistra, que inverte os acontecimentos, que ensanguenta as cidades do interior e que até se dá ares de querer fazer uma expedição à capital do império.

De sobra, temos trazido a público os manejos ameaçadores e subversivos com que alguns grupos de pseudo-senhores de escravos, aspiram a fazer cessar no país o clamor público, que, de uma vez para sempre, condenou o regime do trabalho escravo, e que o caracterizou como uma instituição que se ceva nas lágrimas do martírio.

*Ainda ontem, na câmara dos Srs. deputados, a voz altiva
do Dr. Antonio Pinto chamou a atenção dos poderes do Estado para
as ligas sinistras do escravagismo que, reconhecendo improfícuo
o terreno legal, para as suas maquinações, decretava a criação de
uma polícia nova, e votava fundos consideráveis para fundos misteriosos.*

Se temos leis; se temos uma constituição; se os poderes do Estado não estão dispostos a ceder o seu honroso lugar a uma anarquia sem limites! é forçoso que ela restabeleça

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

a confiança, dizendo, se tem ou não meios de fazer entrar na legalidade os homens que dela saem tão ostensivamente.

Interesses ilegítimos ameaçados pela elevação do nível moral de um povo, tentam criar novas bastilhas para nelas se entrincheirar mantendo, pela força, um conflito com o direito desperto.

Como o doente cujo sono fosse cortado por pesadelos atrozes, e que desperto julga ainda ver pavorosas visões, os escravagistas estão tomados de rancores supersticiosos, e julgam poderem-se tranquilizar espalhando em torno as ameaças e assumindo a tremenda responsabilidade de uma conflagração pública.

Todos os meios estão sendo postos em prática, não só para aterrar as populações, mas também para tentar emudecer as vibrações sonoras da consciência nacional.

Supõem que um novo regime de terror lhes seja aliado eficaz, na luta que sustentam contra o sentimento popular, sublevado pelos horrores da escravidão; contra as ideias amadurecidas e triunfais que todos desejamos, e contra a aurora da liberdade que já se desenha, com iriantes cores, nos horizontes da pátria!

Enganam-se! A cegueira obstinada que manifestam, mais breve do que pensam há de levá-los aos últimos entrincheiramentos, onde terão de capitular, porque a luta travada não é entre alguns cidadãos filhos da mesma pátria, mas entre alguns obcecados perpetuadores da escravidão e um país todo que quer libertar-se de uma vergonha secular!

E, fiquem sabendo! Os abolicionistas se manterão alerta, preparados para todas as eventualidades, ao abrigo das leis, dispostos a enfrentar com todas as reações e a repelir qualquer escaramuça dos sicários, porque as leis lhes garantem, como a todos, um certo número de direitos para os casos de legítima defesa.

Temos dito muitas vezes: havemos de levar o Brasil à

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

abolição nos braços das artes, embalado pelas músicas divinas, surpreso pelos cânticos dos poetas e transportados, irremissivelmente, por esse concerto de harmonias que desperta no coração humano as epopeias da liberdade!

Se; porém, ao contrário disso, a ordem pública for ameaçada pelos que pedem "ou um rio de dinheiro ou um rio de sangue", na frase do Sr. Andrade Figueira, nós, lamentando tal perversão

dos sentimentos humanos, chamaremos a postos as nossas legiões, caso o governo cruze os braços, diante das ameaças que nos são feitas!

Rodeando os nossos chefes legendários, mostraremos que não se toma de assalto uma ideia sublime, transformada já em fato, em todos os países civilizados e em uma de nossas províncias.

Ver-se-á, então, que, se nossos braços se armaram foi num direito de legítima defesa.

É irrisório tentarem que nossos lábios emudeçam diante das ameaças; que os sentimentos da própria conservação guiem os nossos passos para longe da luta; e que consintamos que o homem explore e martirize o homem sob as nossas vistos e sem que um estrondoso protesto se exale dos nossos peitos!

Não! Jamais!

Exerceremos um direito sagrado, ao lado do qual as ameaças nada podem porque para sustentar a bandeira de um partido patriótico, se um braço cair, mil outros se erguerão, com entusiasmo, para elevá-la bem alto.

Estamos na lei, na moderação e no exercício de um direito imprescritível.

Saiam dessa órbita os nossos adversários, organizem-se militarmente, usurpem os poderes ao Estado, lavrem decretos, mas não se esqueçam de que o sangue das vítimas clama vingança.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 15 de junho de 1884. Ano 1. N. 6. p. 3.

Título: A honra em leilão

Tema: manifestação veemente contra à atribuição de valores pecuniários a um ser humano

Juiz de Fora, a terra que para tantas bandas exportou, embrulhado em um diploma de deputado, o Sr. João Penido, - *Juiz de Fora é hoje talvez a cidade da província de Minas onde a escravidão encontra maior guarida, onde ela mais estende o seu longo sudário negro.*

Ainda hoje, em uma folha da manhã, que fez do anúncio do escravo fugido a sua melhor divisa, vem publicado um edital de praça digno de ser lido, tanta vileza e tanta miséria ele oculta.

Para o leilão da infâmia não faltarão compradores.

A ganância é um direito como qualquer outro, e, neste tempo de escassez de heranças, um negrinho vale sempre alguma coisa.

Eia! o dia 10 de junho está próximo, os mercadores de carne humana estão com a feira aberta.

Comprai, cidadãos!

A escrava Dionysia é uma aleijada, mas a avaliação é baixa - 37\$500! um pau por olho; ela vale mais, muito mais.

Margarida tem 20 anos, é muito moça, acompanha-a seus filhos os ingênuos Tayllerand e Hermengarda.

Três pessoas por 900\$000! é pouco. E depois podeis comprá-los e separar a pobre mulher de seus filhos.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Que tem isso? não é a coisa mais natural do mundo?!

Pois negro tem o direito de ter filhos? não, porque eles não têm coração, no modo de pensar desses anatomistas da roça, esses médicos e políticos de arribação, que pensam com a mão no bolso dos fazendeiros.

A praça abre-se no dia 10 do mês próximo, a mercadoria é boa.

Vamos seja vendido mais um punhado de africanos livres e de brasileiros, até ao primeiro chim que oferecer por eles mais alguns níqueis acima da avaliação.

*Sem mais; a bandeira deste país de Lafayettes ainda é larga bastante para cobrir tanta lama.
Ao leilão!*

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 5 de julho de 1884. Ano 1. N. 7. p. 1.

Título: O Amazonas

Tema: homenagem à abolição na província amazonense

A brisa que dimana, fragrante, da obra colossal da libertação total do elemento escravo no Brasil, provando o espaço negrejado pelas nuvens da pirataria, bafeja cada dia a um novo solo que fica logo pressuroso em despedaçar dos ombros de seus filhos essa túnica de Nessus que é a ruína enorme da pátria.

A coorte vandálica dos homens sem coração, dos pessimistas, dos inimigos do berço de Tiradentes, – o assassinado – e de José Bonifácio de Andrada – o traído, sentindo a fuga ligeira da mercadoria que os sustentava, e

**FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS**

dava-lhes um prestígio sem bases, sem alicerces, bramam contra a situação, contra os homens de Estado que castigam a escravocracia, não fazendo, assim, das salas do Parlamento Brasileiro, casa de câmbio, em que se troque sangue por ouro, a humanidade por moedas.

As evoluções libertadoras, que se dão a cada canto, ao som dos hinos cantados por crianças, ao chover das flores, e às estrofes patrióticas de poetas – sonhadores imensos que se inspiram nas campinas livres da América – têm avassalado a essas consciências que se veem ofuscadas ao brilho sacrossanto do prisma da Liberdade!

Querem armar-se, os escravocratas remissos!

Não há maior ingenuidade; nunca vimos maior asneira.

Que se armem, que excitem os párias da sociedade, prometendo-lhes liberdade fingida, a pegarem em armas, a ferir o povo que reage contra um roubo, uma instituição inconsciente, desumana!...

Que façam dos corpos retalhados dos escravos, barreiras, à onda que sobe a inundar!

Perdem o seu tempo, seu dinheiro, e quiçá suas vidas.

Nós temos ao nosso lado o Direito e a Razão, e vós o Crime e a Opressão; aqui há luz e lá trevas; nós nos chamamos: Abolicionismo, vós: Escravocracia!

O Amazonas se levanta do sono que lhe fazia morrer o sangue, e com as fontes a latejarem-lhe, escuta o barulhar livre das águas que o enxágua.

Porque não hei de eu ser tão livre como esse mar que me banha?... exclama a província ofegante...

E hei-los a trabalhar, a lutar, a procurar aquele pão liberto de que fala Sterne.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

*Como é lindo o labutar incessante dos filhos do Norte!
com que instância querem eles desvendar a província às iriadas
da Liberdade!*

*É simplesmente divino o empenho destes homens que
merecem nas páginas jaspeadas do Abolicionismo, saudações
altissonantes.*

*A Luz, sincera, os saúda e bendiz o seu trabalho
imenso.*

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 14 de julho de 1884. Ano 1. N. 8. p. 2.

Título: A Bastilha

Tema: associação entre a efeméride do aniversário da Revolução Francesa, como símbolo de libertação e a causa emancipacionista

Faz hoje cinco anos que, em França, o dia 14 de Julho foi considerado festa nacional, e daqui a mais cinco, isto é em 1889 teremos em igual dia o centenário comemorativo da tomada da Bastilha em 1789.

A Bastilha! que triste e lúgubre recordação! Que horrível fantasma e quantas horripilantes recordações não desperta ainda na memória das nações!

Bastilha, sombria, lúgubre cidadela, sacrário de mistérios e crimes, teatro de grandes dores, de sanguinolentas lutas, de grandes sonhos de ambição, de nobres e generosas aspirações abafadas; teatro onde se ouvia, de dia como de noite, o eco tristonho dos ais e gemidos das vítimas, os gritos dolorosos e dilacerantes dos mártires que sofriam a dor atroz

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

da misteriosa e horrível tortura; aquela coisa espantosa, horrível por sua monstruosidade que é, uma das mais hediondas, das mais negras e salpicadas páginas de sangue, que nos seus apodrecidos e negros muros, suando sangue e lágrimas dos inocentes mártires, estiveram ali encarcerados [...].

A Bastilha, onde campeou a onipotência da realeza e a do carrasco, cuja sanguinolenta crônica tem negrumes que bastam para fazer com que o homem, por mais bronzeado que seja, se envergonhe da humanidade.

O nome Bastilha é lúgubre, lúgubre é o seu passado, e mais lúgubre ainda foi o seu fim.

É porque a Bastilha representa a verdadeira encarnação da realeza, do absolutismo despótico, porém mais ainda do antigo regime feudal.

O povo, isto é, a plebe, a populaça no seu acrisolado patriotismo irrompe, invade, com a impetuosidade de uma corrente que, saindo de seu leito natural, corre, inunda tudo com

uma rapidez vertiginosa; destruindo, torcendo, aniquilando tudo,

não deixando em sua passagem, senão ruínas, levando em sua impetuosa e tumultuosa carreira tudo quanto se quer opor a seu desencadeado curso.

Assim o povo de Paris, não aquele povo rasteiro, escravo, vil pária, mas o povo que fora grande no fórum romano, invade as ruas de Paris, destruindo, desmoronando, aniquilando num instante a Bastilha, sepultando nas suas sangrentas ruínas a medonha hidra feudal, plantando sobre os apodrecidos destroços, a simbólica árvore da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

Foi pela queda da Bastilha que França tomou a nobre iniciativa, sobre as demais nações europeias, de fazer prevalecer o novo e sagrado dogma político, proclamando a

soberania do povo imperante, a igualdade perante a lei de todas as castas sociais.

À celeberrima revolução social de 1789 é que todas as nações devem a sua emancipação política, as liberais instituições que as regem.

Se estigmatizamos, em outro escrito, os tiranos que conservaram os nossos antepassados, durante 18 séculos, num ignominioso cativeiro, não é racional nem justo que uma briosa nação, entusiasta com justa razão pela sua independência; dos foros de um povo livre, liberal até a prodigalidade, amante de tudo quanto diz respeito ao progresso, ao bem estar geral de sua nacionalidade e em cujo país a liberdade de imprensa é permitida a todos fazer conhecer suas opiniões, onde se escreve hoje aquilo que outrora apenas se teria pensado [...] melhorar a condição dos seus semelhantes; porque se lançarmos uma vista de olhos sobre os destinos das diversas nações, recua-se de espanto e levanta-se a voz para defender os direitos da razão e da humanidade.

Com efeito, o que se observa em toda a parte? o bem estar de todos sacrificando não às necessidades mas aos caprichos de um pequeno número.

Em toda a parte dois partidos em presença, um caminhando resoluto e desassombradamente para o futuro a atingir o útil, o outro grudado ao passado para conservar os abusos.

A nação brasileira enfim que por suas liberais instituições, ocupa, entre as demais nações, um distinto lugar, e, onde a sua proverbial generosidade, sua honestidade consintam que continue, em seu seio, a horrível e gangrenosa ferida a que damos o nome de escravatura, que essa grande e liberal Nação seja a única culta que conserve ainda escravos!

Temos fé e confiança na presente geração, ela será, esperamos a completa abolição do elemento servil.

A ideia emancipadora vai progredindo de um ponto

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

imperceptível, a sua influência cresce, aumenta e adquire proporções gigantescas, assim se levantarão o sol da nova e reparadora emancipação, emancipação justa, humanitária, que derramará esta luz radiante, o seu benévolos [...] calor como o astro que resplandece no céu.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 12 de agosto de 1884.
Ano 1. N. 9. p. 1.

Título: O sr. Ramalho Ortigão

Tema: ferrenha sustentação do conflito discursivo contra os escravocratas

Em seu furor de hiena, o escravagismo não tem recuado, mesmo até ante a calúnia peçonhenta, para ferir a obra grandiosa da libertação que, de meses para cá se tem operado entusiasticamente em todas as províncias.

Não há meios, não existem subterfúgios, não se conhecem embaraços, que à coorte negreira não tenham sugerido para, postergando o direito e a razão, manejar em desfavor da grande evolução social, interesse hoje da inteira humanidade.

Não causa isso pasmo, porém, aos Apóstolos do bem que, acostumados à incessante grita, que se levanta dos retrógrados sociais, desprezam os embaraços, despedaçam os empecilhos criados contra eles e o seu labutar.

Em nós, os Abolicionistas, não deve, não pode mesmo nascer à descrença da breve queda da Bastilha da Escravidão; pelo contrário, de dia para dia, de instante para instante percorre por entre as colunas federadas, esse bafo mensageiro da vitória.

Acostumados a encarar o perigo, resolutos, a nossa fé pela causa dos escravos, alimenta-se da opinião pública, nutre-se da vontade argamassada do povo, esse baluarte invencível em que está resumida a esperança fagueira das legiões libertadoras.

Um Sr. Ramalho Ortigão, residente na Corte, lembrou-se de dirigir insultos à raça dos escravizados, negando-lhes até a própria pátria.

Não queremos estigmatizar aqui o procedimento desse português (porque é português o homem de quem falamos) mas nos é dado, por nossa honra, repelir as leviandades do tal Sr. Ortigão.

O Brasil chagado de um cancro com que lhe presenteou o seu PAI E PROTETOR (!!), tem aberto sempre os braços aos Portugueses, chegando até a apelidá-los – irmãos, tal a sua condescendência.

Tem esquecido os horrores que lhe fez sofrer o NINHO DA CIVILIZAÇÃO; tem apagado de si os sinais de torturas ministradas por Portugal; tem servido de berço a essa pseudo-fraternidade.

Pois bem.

Qual o verdadeiro dever desses estrangeiros que em nossa Pátria se elevam em posição e cabedais, sempre a favor do esforço brasileiro?

Como pagar o interesse nosso em querer obsequiar esses hóspedes muitas vezes quando eles nem são dignos de tais obséquios?

Com impropérios, com leviandades, com insultos atirados à raça a quem devem, de quem receberam favores?

Não; o Sr. Ramalho Ortigão cisma, por certo; e, quem sabe, queira ser do número daqueles que imaginam que o

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Brasil tem obrigação de suportar tudo quanto vier do além-mar.

É, porém, necessário advertir que tal gente labora em erro, e erro crasso.

Não duvidaremos em ser para os estrangeiros que aqui vêm buscar futuro, amigos; o Brasil não se negará a ajudá-los, existem provas para o certificar; porém, note-se bem, se estamos resolvidos a receber todos os estrangeiros como IRMÃOS, não nos dispusemos ainda a recebê-los para nossos SENHORES.

O Sr. Ortigão deve pensar também assim; e se tem interesse em rebaixar uma raça na qual está constituída a esperança brasileira, faça-o fora daqui; no Brasil não se aclimatam víboras.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 12 de agosto de 1884.
Ano 1. N. 9. p. 2-3.

Título: Apreciação abolicionista

Tema: continuidade da “cruzada” pela abolição

Acompanhar as evoluções humanitárias e progressistas é o dever de todo o homem patriota, social e adepto da verdadeira religião; é por isso que não podemos hoje deixar de concorrer com o exíguo contingente de nossas luzes intelectuais, para fazermos uma perfumária apreciação a par das cintilações dos talentos que colaboraram com toda a autoridade para a protetora Luz.

Sem contradita, a causa mais momentosa que se ventila atualmente no nosso Brasil, com aplausos imensos e estrondosas manifestações de simpatia, é a abolicionista, que tem por defensoras as almas generosas, as consciências

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

imaculadas, que se harmonizam estreita e admiravelmente com a Natureza, formando perante Deus, a sociedade e a família humana, um brilhante e significativo troféu de vitórias.

Avante, mocidade brasileira, propugnadora dos interesses justos de um povo que é tão livre, naturalmente falando, como são livres as benéficas vibrações da nossa terra, tão livre, repetimos, como é livre o gozar à sombra do cocar florestal desta jovem América.

Resgatar do poste ignominioso do cativeiro os infelizes que, na frase egoística dos homens de ideias retrógradas, não passam de entes vis e imprestáveis para outros cometimentos de mais elevado alcance, é prestar um assinalado serviço a esses mesmos infelizes, é dar-lhes o exercício do poder, é fazer aparecer a completa regeneração social, é torná-los homens quiçá de grande valimento no país, numa palavra, é render um verdadeiro culto à soberana filosofia.

Aqui, saudemos com todo o entusiasmo de nossa alma, a distinta colônia francesa residente entre nós, pela maneira altamente acertada e filantrópica com que se haverá hoje, não só comemorando uma grande data de sua nacionalidade, como também quebrando os grilhões de míseros cativos que, desde o madrugar do dia solene, divisam com ingente contentamento o santo lar vivificador de suas mais ardentes aspirações.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 31 de agosto de 1884.
Ano 1. N. 10. p. 1.

Título: O abolicionismo

Tema: propaganda dos avanços abolicionistas no país

Está mais que provado que a ideia libertadora é hoje,

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

o mais fluente rocio de benefícios para o Brasil, que, de tempos para cá, tem se erguido do pesadelo deletério de sua organização social.

As artimanhas levantadas pelo escravagismo, os subterfúgios criados por essa raça de intransigentes, não têm podido onzenar no patriotismo nacional o entusiasmo dominante, nem arrancar dos abolicionistas estremes, o empenho de jaspear as páginas da História Brasileira, anoitecidas pelo fumo abominável do tráfico negreiro.

O povo desroupa-se de suas conveniências particulares, o homem de Estado despreza a questão política que o quer acolchetar ao dever partidário. O Imperador abandona a [...] negreira, para, todo em uma comunhão divina, áscia, verdadeiramente lúcida, se entregarem, afogueados de razão e de justiça, à obra majestosa da libertação!

As províncias correm, pressurosas, ao chamamento da Liberdade; ontem – o Ceará, hoje – o Amazonas, e, amanhã – o Rio Grande do Sul!

Ante tão magnífico espetáculo, tal ondular de obras humanitárias, é impossível que a cidade do Rio Grande não se sinta vergonhosa de ter-se como que escondido a encarar o irradiar dulcífico de uma cintilação que se apelida – libertação de cativos!...

Mas, ainda é tempo; muito há o que se fazer.

Se esta cidade, ao contrário da de Pelotas e de Porto Alegre, tem abandonado a causa da redenção, já por um, já por outro motivo, se tem deixado correr, a seu bel prazer, o trabalhar do escravagismo, ela agora vai levantar-se, vai despedaçar o agrilhoamento do cativeiro, vai erguer-se a par de suas irmãs; porque, já raciocinou, já reflexionou no estado inâmige de uma cidade, na falta de entusiasmo em um povo.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

O que deixamos escrito não é uma ficção, é uma verdade.

E; por que razão, talvez nos perguntam, o Rio Grande conservou-se tranquilo ao incitamento das outras vizinhas, respeito à obra do Abolicionismo? porque não as seguiu, não se esforçou com elas desde o começo do labutar?...

Por que?... porque ruminava, pensava no melhor meio de estrangular a esfinge escravagista, de fazê-la fenecer de uma vez única.

Não nos vem, agora, à mente, o nome de quem já, fundamentado, pronunciou – que se deve desconfiar da água que dorme...

Temos convicção, pois, que da tranquilidade riograndense, tratando-se da causa libertadora, há de surgir, impoluto, o mais visível padrão do nosso patriotismo: – a queda da Escravidão!

Fé, e... esperemos o dia de amanhã.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 31 de agosto de 1884.
Ano 1. N. 10. p. 2-3.

Título: Ave libertas

Tema: manifestação de expectativa em relação à causa abolicionista no contexto local

Já estava no prelo a primeira página da folha de hoje, quando lemos o boletim distribuído pelo COMMERCIAL, sob a mesma epígrafe que serve às linhas que ora traçamos.

Do júbilo rebentaram-se as lágrimas, e o coração palpou, por ver transformada em fato a ambição mais santa do Rio Grande.

O povo ergueu-se, prazenteiro; e lobriga o rastro de

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

luz que deixaram o Ceará e o Amazonas, em seu comungar delirante!

Salve, patriotas.

Esse vosso exemplo; esse interesse de vossos corações em querer arruinar os alicerces da obra escravagista, eleva-vos no conceito do povo, que brada, entusiasta pelo conhecimento do enraizar abolicionista entre nós.

Não pode haver mais fiel tradução dos sentimentos patrióticos dos filhos desta terra: o movimento libertador inicia-se!

Todos querem, à porfia, deixar resvalar o óbulo santo da Caridade, na mão do pária da sociedade; e esse empenho é duplamente majestoso, quando sabemos que ele vem dos que, aqui, eram como que a suposta intransigência abolicionista.

Mas, qual!...

Pois, é crível que tais homens se deixassem levar pelo interesse individual, que fossem surdos, no alarido que se levanta, ao vulcão que erupciona, à água que sobe?!...

Não. Daí, pelo contrário, é que dimanou o incitamento aos proprietários de cativos, a imitarem-lhes no exemplo grandioso.

Honra aos que se compadecem da opressão sanguissíndita da escravocracia; eles são os verdadeiros, os sinceros amantes do País.

Quanto a nós, na estacada do Direito, havemos de gravar na História o nome daqueles a quem se saúda com um marejar de pranto satisfeito.

Salve!...

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 31 de agosto de 1884.
Ano 1. N. 10. p. 3.

Título: A capital livre

Tema: entusiástica manifestação pela abolição na capital da província sul-rio-grandense

Está transformado em fruto o que há dias era considerado um assunto quimérico: – Porto Alegre emancipou-se em sua totalidade.

O empenho das comissões a quem foi incumbida a desaparição do elemento servil da capital, foi coroados dos mais benéficos resultados.

O que parecia difícil fazer-se em alguns meses, ficou efetuado no curto espaço de duas semanas, se em tanto é estimado o tempo gasto pelo Abolicionismo, em sua honrosa missão.

Porto Alegre está livre, pois; já não ouve o barulhar infeliz de uma raça opressa que sofria torturas incríveis.

Ainda bem...

Daqui para diante, o látego há de servir somente para o irracional; da senzala se fará uma casa educadora, e o escravo de ontem é o cidadão de hoje!

A filha bendita do majestoso Guaíba, tem de sobej razão para orgulhar-se disso; porque é, sem dúvida alguma, merecedora de grande soma de respeito, a comunhão de homens que soe elevar a Pátria ao altar sacrossanto onde se queimam perfumes à imagem divina da liberdade!

O frenesi do aclamar que, pujante, nasce do sustentáculo da sociedade – o povo, é deveras justo.

Uma região que se livra da ferida gangrenosa da escravidão; é um paralelepípedo à construção do edifício da educação social.

Salve, pois, Porto-Alegrenses, que ainda, por mais

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

uma vez, destes a tradução inapagável de vossos sentimentos pelo viver liberto.

Honra aos que compreendem do progresso do País, aos que soem aquilatar do brilho dessa estrela imensa, guia certeira das gentes e que se chama: a Liberdade.

A emancipação da bela Capital é suficiente para dar prova cabal do ódio que o berço do ilustrado democrata Silveira Martins vota à instituição negra!

O vento majestoso dos Pampas não deixa se elevarem castelos, argamassados das lágrimas dos cativos; tudo devasta!

A água que dormia, encapelou-se, o gélido do vulcão erupcionou-se; a ideia voa muito, muitíssima.

É não deixá-la no ostracismo.

Resta agora, também, que a cidade do Rio Grande se levante da inércia em que se colocou, e brade entusiasticamente, feericamente:

*– Pois que? hei de ficar aquém de minhas irmãs?
Nunca; quero caminhar a par delas.*

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 31 de agosto de 1884.
Ano 1. N. 10. p. 3.

Título: A ideia negra

Tema: apelo à conscientização pela necessidade de eliminação de todo e qualquer conceito que implicasse em desigualdade étnica

A ideia negra jaz por terra, aniquilada.

O empecilho levantado pelos que trabalham em desfavor do direito, foi hoje calcado pelos que, ao contrário, labutam pela justiça.

É sempre com o coração ofegante de prazer, que

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

vimos os exemplos grandiosos doabolicionismo a espalhar pelo território brasileiro a semente germinadora da liberdade!

E, incontestavelmente, é digno de uma grande soma de encômios, o que se despoja do interesse pequenino, para lançar-se, sequioso nas cascatas da luz, despenhadas por essa ideia imensa que aniquila tudo, que tudo jorra por terra.

Está provado a fatos que a escravidão é uma instituição fera, sobremodo inconsciente.

Algemar o cidadão, despedaçar o sentimento moral de um homem na sociedade não é tarefa que raciocina ao que conhece o dever humano!

Urge, pois, esforçarmo-nos pelo interesse do escravo. Trabalhemos, que acima da glória terrestre está o abençoado Deus!

Guerrear pelo direito é fator de vitória; trabalhar pelo retrocesso social é desejar ruína de si próprio.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 15 de setembro de 1884.
Ano 1. N. 11. p. 1.

Título: São José do Norte

Tema: manifestação de esperanças do avanço da emancipação na Vila de São José do Norte

Hoje, à vista do movimento libertador que se avoluma contra o escravagismo escudado através de subterfúgios e sutilezas, quem não abandona, por momento, o interesse pessoal para abraçar o interesse da Pátria, que se torna por demais saliente, aos olhos dos nacionais e dos estrangeiros, esse, ou há perdido completamente a partícula de patriotismo encarnado em cada cidadão, ou tem trancados os olhos e os ouvidos; os olhos ao dulcífico afoguear da ideia da

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Liberdade, e os ouvidos ao vozear de uma raça escravizada que pede um esgare de luz para o estado enegrecido de seu viver.

As províncias do Brasil se levantam, erguem, sobranceiras, a fronte, como desafiando a obstinação contrária com o deslize de milhares de obras libertadoras; duas delas estão emancipadas do jugo atroz: Amazonas e Ceará.

O Rio Grande do Sul não lhes fica à retaguarda no patriotismo; Porto Alegre, por sua vez, livrou-se do cativeiro, e com ele, algumas cidades de menor monta, vilas e povoações...

Assim, encarando esse movimento que nos vem, como uma onda, da capital, lembra-nos da emancipação da muito heroica vila de S. José do Norte, onde não abunda o elemento escravo.

Segundo um quadro estatístico de uma obra publicada em 1875 (único dado que nos foi possível obter) a soma de escravos existentes era de 1.091.

Ora, deduzindo desse número às libertações de que somos condecorados, os falecimentos que se têm dado, etc, não erraremos por certo, afirmendo que atualmente ali se contém 200 cativos, apenas; se em menos não se possa estimar esta existência.

Com tão acanhada fração de escravizados, reunida ao extremo patriotismo que ali reina, sempre que se trata do engrandecimento daquela nesga da terra, não é difícil levar a efeito o libertar da população escrava; quando se conhece que essa ideia é, fora de qualquer dúvida, bem rica fonte de progressos.

Um pouco de esforço da parte dos habitantes de S. José do Norte e acima disso, qualquer interesse do belo sexo na empresa, e veremos, em pouco tempo, realizado o sonho abolicionista!

É de necessidade que o povo da muito heroica vila mostre que naquele aconchego de heróis de 1835 ainda não se apagou, não se apagará, o amor que fumega em honra à

Liberdade!

Aqueles cômoros abrasadores e movediços, outrora regados do sangue fervido do patriotismo rio-grandense, ainda sentem o pisar dos que se fizeram heróis, em busca da vitória; é um desconceito o deixar-se enraizar a escravidão em um território onde jorrou sangue triunfante, sobre que pisou gente livre!

Nada de ouvirmos quem nos imbui de sutilezas, que pretende a nossa ruína.

Sejamos patriotas, recordemos a data do passado vitorioso, labutemos no presente, em prol de uma ideia que engrandece, e podemos aguardar risonho o futuro, porque ele é cor de rosa.

Temos conhecimento do amor pela Liberdade que medra em S. José do Norte, e é essa a razão porque não nos esquivamos em crer na libertação total da vila, em três meses.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 15 de setembro de 1884.
Ano 1. N. 11. p. 2.

Título: Fugindo à treva

Tema: versos em defesa da abolição

*Ferve a vaga no mar, a onda ingente
Como bravo corcel, encapelada,
Brama, gente no leito, revolucionada,
Se quebrando de encontro à pedra umente.*

*Do alto, num marulho altissonante,
como feras a uivar ante o mormaço
Do SAHARA majestoso, os gritos partem
Alados, a rasgar o escuro espaço.*

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

*Ao longe se divisa a imagem terna
Da mulher que do rosto de caverna
Faz conchego à criança esfarrapada...*

*Uma escrava que foge ao cativeiro,
E, firme, vai dizer ao mundo inteiro,
Que não é uma mulher – é desgraçada.*

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 30 de setembro de 1884.
Ano 1. N. 12. p. 1-2.

Título: A abolição no Rio Grande

Tema: diante dos avanços abolicionistas pelo país, manifestação de esperança que o mesmo se dê na conjuntura rio-grandense-do-sul

*Exultemos.
A luz triunfa, a treva recua espavorida.
A escravidão está julgada e condenada.*

Ontem, ela podia apelar do juízo, porque este glorioso desgraçado aprendeu na pobreza a amar a liberdade; fez da comunhão das dores a iniciação à do direito.

As sentenças do pobre não pesam nos tribunais do interesse.

Hoje, porém, duas províncias poderosas, duas províncias que pelas suas posições geográficas, pelas suas riquezas naturais, hão de fatalmente influir grandemente no futuro do país, e já influem extraordinariamente na sua atualidade, falam por sua vez e confirmam a sentença do Ceará.

O Amazonas expeliu de si a parte do corpo estranho

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

que nos ameaçou de infecção purulenta todo o organismo.

O Rio Grande do Sul procede hoje a mesma operação.

Em breve a podridão do passado não será lembrada senão pelo viço e florescência da árvore da liberdade, a que ela neste momento estruma.

Podemos encarar serenamente o futuro.

Nos grandes dias da pátria é costume nosso olhar para o Sul, para aquela heroica província que tem feito com a ossada dos seus heróis o Panteão das nossas glórias militares.

Sentinela avançada da honra nacional, a vermelhidão de seu sangue tem sido sempre a tinta das auroras de nossas vitórias; neste momento o rubor da sua consciência anuncia o próximo dia da igualdade de todos os brasileiros.

Exultemos. O bater do coração rio-grandense é o alarmo do triunfo.

Alea jacta est!

O braço da guerreira, sempre que vibra a lança, abre sulco profundo na história.

Nós aprendemos com ela como se luta; nos deixaremos tomar dessa vertigem sagrada que a impulsionou na marcha forçada contra a escravidão.

Em um mês, mais de dez mil recrutas para a legião humana; em um mês, aberto um valo da altura de três séculos para defender o reduto da justiça das invasões traidoras dos preconceitos.

A posteridade há de saber honrar a memória dos lutadores rio-grandenses, que acabam de demonstrar que têm as consciências tão afiadas para o bem quanto as espadas para

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

a luta.

Daqui, de longe, desta terra negra, onde o interesse vil infama a pátria, denunciando-a como indigna ociosa, que prefere pedir à infâmia o que o trabalho lhe daria de sobra, a província do Rio Grande do Sul nos chega à imaginação com a solenidade simpática de Mozepa, depois do horrível dia de Pultowa, quando repousando as fadigas do heroísmo, exibia os tesouros do coração.

O espetáculo que nos dá o Rio Grande do Sul é mais um conselho da consciência nacional aos [...] defensores da instituição negra.

Esse delírio sagrado do bem não pode ser o resultado de impressões passageiras, mas o efeito de uma profunda revolução moral, operada no espírito do povo brasileiro.

Vemos de mistura com os fenômenos naturais da propaganda abolicionista, não sei o que de místico que nos transporta aos tempos em que a Europa se convulsionava na fecunda alucinação das cruzadas.

A alma nacional está em ebullição, em temperatura que funde grilhões.

É uma loucura do escravagismo querer atirar dentro dela os corpos dos seus defensores.

Sabemos que a instituição negra é defendida com fanatismo paraguaio.

Devemos lembrar-lhe somente que os paraguaios tinham o bom senso de fugir, quando o tropel e a poeira anunciaavam a aproximação das legiões rio-grandenses.

Para os nossos inimigos é chegado o tempo de abandonar

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

o campo.

Não se vence o invencível.

Pensar que violentando uma província se faz parar a alma do povo é tão insensato como pretender-se fazer parar a terra empurrando uma árvore, em sentido contrário ao do movimento do planeta.

A escravidão só tem passado; o futuro, para a liberdade.

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 30 de setembro de 1884.
Ano 1. N. 12. p. 3.

Título: O abolicionismo

Tema: brevíssima apreciação sobre o seu tema central

É de necessidade acabar-se com a escravidão.

O indiferentismo pela causa dos escravos, que se tem mantido, que quer criar raízes, é necessário cair aniquilado de uma vez.

Descubram-nos ante a fulgêncio do sol da Liberdade, engolfemo-nos no iriar do astro que ilumina consciências!

A bárbara lei da escravidão não pode alimentar-se da seiva social: libertem-se, pois, os escravos que eles também são dignos da vida livre!

E vós, ó Rio Grande, que alimentas sempre fervor pela causa do Progresso, não deixai no pesado sono do esquecimento, o interesse da Nação.

Jornal: A LUZ. Rio Grande, 30 de setembro de 1884. Ano 1. N. 12. p. 3.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Periódico: Saudades do escravo

Tema: a poesia a favor da causa abolicionista

*Escravo – não, não morri
Nos ferros da escravidão;
Lá nos palmares vivi,
Tenho livre o coração!
Nas minhas carnes rasgadas,
Nas faces ensanguentadas
Sinto as torturas de cá;
Deste corpo desgraçado
Meu espírito soltado
Não partiu – ficou-me lá!...*

*Naquelas quentes areias
Naquela terra de fogo,
Onde livre de cadeias
Eu corria em desafogo...
Lá nos confins do horizonte...
Lá nas planícies... nos montes
Lá nas alturas do céu...
De sobre a mata florida
Está minha alma perdida
Não veio – só parti eu.*

*A liberdade que eu tive
Por escravo não perdi-a;
Minha alma que lá só vive
Tornou-me a alma sombria,
O zunir do fero açoite
Por essas sombras da noite
Não chega, não, aos palmares!
Lá tenho terras e flores...*

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

*Minha mãe... os meus amores...
Nuvens e céus... os meus lares!*

*Não perdi-o – que é mentira
Que eu viva aqui onde estou;
À toda a hora suspira
Meu coração – para lá vou!
Oiço as feras da floresta
Em feia noite como esta
Enchendo o ar de pavor!
Ouço, oh! ouço entre os meus prantos
Além dos mares os prantos
Das minhas aves de amor.*

*Oh nuvem da madrugada,
Oh viração do arrebol,
Leva meu corpo à morada
Daquela terra do sol!
Morto embora nas cadeias
Vai pousá-lo nas areias
Daqueles plainos de além
Onde me chorem gemidos,
Pobres ais, prantos sentidos,
Na sepultura que tem!*

*Escravo – não, ainda vivo,
Ainda espero a morte ali;
Sou livre embora cativo,
Sou livre, ainda não morri!
Meu coração bate ainda
Nesse bater que não finda;
Sou homem – Deus o dirá,
Deste corpo desgraçado
Meu espírito soltado*

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Não partiu – ficou lá!

Periódico: A LUZ. Rio Grande, 15 de outubro de 1884.
Ano 1. N. 13. p. 1-2.

Título: Educação dos libertos

Tema: retomada de um dos objetivos centrais no que tange à incorporação social do negro liberto

Uma das magnas questões que tem preocupado o espírito dos que se interessam pelo convulsionar progressista do Império do Brasil, é incontestavelmente, a que diz respeito à educação do liberto.

Já, em artigo inserido nas colunas de uma folha diária que se publica nesta cidade, expressamo-nos a respeito, em relação com as nossas acanhadas forças intelectuais.

Tratando com empenho do que hoje, nos ocupa a atenção, fizemo-lo de maneira a apontar as inconveniências funestas que resultam do estado analfabético do escravo de ontem.

Bastante se tem dito, afora nós, sobre essa questão, porém, muito infelizmente, nada se tem feito a respeito.

O espírito nacional, embora conhecedor do mal resultante do analfabetismo no escravo e no liberto, tem se esforçado por outras muitas reformas, pendentes igualmente de seu interesse.

Mas... não devia ser assim.

Há uma graduação no modo de encarar os costumes e índole naturais do escravo.

Quem os analisa de perto, quem se demora em estudá-lo, não pode expressar-se injustamente; e, se existe quem, por interesse ou por simples espírito de maldade, depreenda que o

cutivo é perverso por natureza, e por conseguinte refratário a qualquer educação, esse não pode nem deve ser acreditado; porque uma fração qualquer de raciocínio, de razão, faz cair por terra aquela má asserção.

É de grande injustiça o afirmar-se que o escravo é figadal inimigo da instrução; tem-se visto e provado que, pelo contrário, ele é bastante refratário ao analfabetismo, tanto que muitos deles se têm apartado de maneira a chegar a governar os destinos da Nação; e outros, assim não procedem, à vista de proibição severa.

Quem, acostumado à perversidade em ação, à maledicência, ao crime, ao latrocínio, praticar qualquer um desses desregramentos em sua vida, não deve sofrer todos os efeitos de uma lei que condena, igualmente o homem de educação, que tem ciência do bem e do mal.

O escravo sem espécie alguma de instrução, não pode reflexionar no caminho que lhe leva, em linha reta, ao mal termo; assim como, não despreza a observação de outrem, em seguir vereda estranha e futura.

Dai, a falta e a necessidade de educação do cativo.

O liberto, ao entrar aos portais de uma nova vida, em que se goza da igualdade, não sabe como encará-la, e pensa sempre, que ele é a mesma máquina que se movia ao poder da opressão!

E por isso, a precisão que existe em transviá-lo daquela ideia, daquele pensamento, por meio da instrução.

Não há razão para culpar quem quer que seja que, ignorante completo do que pratica, procede contra as boas regras sociais.

O liberto que, no berço foi embalado por pragas sanguíssedentas, e que na adolescência, viu-se obrigado a retalhar a açoite as carnes do próprio irmão, e ser testemunha queda do assassinato de seu pai, naturalmente, há de ter

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

sempre ante si, aquela lagoa de sangue em que viveu.

Necessário é, pois, desviá-lo do encarar funesto de tal mancha, ensinando-lhe a diferenciar o velho do novo viver, fazendo com que ele aprenda a transformação do seu estado.

Um livro para cada liberto, e que ele aí possa ler, que a senzala também pode chegar a ser – casa educadora, e o instrumento da opressão – instrumento de trabalho!

E então se verá, que o Brasil há de orgulhar-se de ser aconselhado pela raça negra!

A certa inocência idealizadora e o discurso não-revolucionário, no entanto, não reduziram o significado histórico da *Luz*, uma vez que refletiram uma das formas de ver os destinos do país no que tange à questão escravocrata. Ainda que não chegasse a promover a ideia revolucionária, o periódico não deixou de praticar um jornalismo tipicamente crítico-opinativo em relação à situação vigente, apontando para os males pelos quais considerava estar passando o país tendo em vista a manutenção do sistema escravista. Como era tradicional aos rumos editoriais da pequena imprensa, o periódico utilizou-se em larga escala de figuras de linguagem e formas de expressão gráfica e linguística diferentes da univocidade discursiva normalmente utilizada pelos jornais diários. Desse modo, prosa e poesia apareciam, escritas em estilo próprio, no sentido de convencer o público leitor, lançando-se mão, muitas vezes, de um caráter evocativo e até sentimental, nas formas de escrever, buscando convencer, se necessário, mais pela emoção do que pela razão, ainda mais quando o objetivo era o de atacar as “desumanidades” do escravismo. Assim, os jovens promotores da *Luz* colocando-se, por

vezes, até como soldados em defesa de sua causa, demarcariam um dos vieses do movimento abolicionista brasileiro, promovendo verdadeira cruzada em nome da liberdade¹².

Estas imagens e textos destacados servem para representar um microcosmo do amplo universo das reações expressas por meio da imprensa sul-riograndense no que tange ao abolicionismo. Dessa forma, tais fragmentos podem servir muito a contento para o aprimoramento de pesquisas referentes à preparação de aulas, ou mesmo para serem utilizados como recurso didático. Os cuidados que todo o historiador tem de tomar ao trabalhar com os jornais se fazem também necessários na criação da estratégia de ensino de parte do docente-pesquisador. Como todo o texto encerra representações sociais, construídas por meio da leitura dos fatos, a qual se dá com a mediação de seus valores e crenças, a utilização de jornais, sobretudo os antigos, no ensino de História, precisa levar em consideração os contextos sociais nos quais os mesmos foram produzidos, ao mesmo tempo em que sua análise detalhada propicia a melhor compreensão desses contextos, revelando novos detalhes e ligações¹³.

Torna-se fundamental assim o pleno conhecimento das condições de produção do discurso jornalístico, bem como a interação, articulação e inter-relação com o ambiente histórico no qual se deu a construção discursiva. Por esse motivo, cada conjunto de

¹² Texto elaborado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *A Luz: uma folha abolicionista na cidade do Rio Grande*. Rio Grande: FURG, 2002. p. 15-18 e 135-139.

¹³ ABUD. p. 29.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

imagens e textos aqui enfatizados, foi antecedido por uma breve resenha, à guisa de contextualização histórica, dos periódicos abordados. Conhecendo pelo menos o contexto histórico e o norte editorial do jornal, o professor estará razoavelmente preparado para usufruir da imprensa do passado como excelente fonte para a elaboração de suas aulas. Tais registros iconográficos e textuais podem ser oferecidos à observação e estudo do alunado, dependendo de uma série de fatores preparatórios dos mesmos¹⁴. Essa possibilidade advém do fato de que na relação com a linguagem escrita, o estudante não opera apenas sobre o objeto de percepção, mas sobre os *conteúdos mentais* evocados no reencontro com o objeto. Além disso, trata-se de caracterizar com precisão a natureza das imagens mentais que ocorrem ao aluno em sua relação com a escrita. No que tange à evocação simbólica presente nas imagens, ela utiliza a mediação do signo enquanto elemento perceptivo convencional e arbitrário, permitindo o ato de representação por associação de um significante e de um significado¹⁵.

¹⁴ Observar: ALVES, Francisco das Neves. Imprensa, história e política: uma proposta metodológica ao debate sobre o tema no contexto brasileiro do século XIX. In: *Revista Comunicação & política*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, 1999. v. 6. n. 1. p. 245-257.; e ALVES, Francisco das Neves. Imprensa e política: algumas reflexões acerca da investigação histórica. In: *História em Revista – Revista do Núcleo de Documentação Histórica*. Pelotas: Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. v. 7. dez./2001. p. 93-115.

¹⁵ GATÉ, Jean-Pierre. *Educar para o sentido da escrita*. Bauru: EDUSC, 2001. p. 88-89.

Nesse contexto o conjunto de imagens arroladas pode ser apresentado aos alunos, observando-se seus padrões de compreensão, buscando-se interfaces com a contemporaneidade - a partir da demonstração das continuidades e rupturas na elaboração de caricaturas e charges ao longo do tempo - e explicitando-se as condições de elaboração de tais desenhos. O poder de abstração do alunado poderá assim ser aprimorado, além do fato de que a imagem - mesmo nesses tempos dos impressionantes avanços da informática e da internet - ainda pode exercer determinados níveis de atração em sala de aula, principalmente quando houver a compreensão da sua qualidade em comparação com as condições tecnológicas de produção em pleno século XIX.

No que tange aos textos, eles podem suprir precipuamente a necessidade do professorado em dispor de escritos de época na preparação da aula, entretanto, dependendo do nível de formação/aprendizado do alunado, eles podem até mesmo ser levados em fragmentos ou na totalidade à sala de aula. É evidente que há uma série de dificuldades alocadas em tal utilização, notadamente no que se refere às diferenças ortográficas da época de produção e a contemporânea (as quais já foram na maioria depuradas na transcrição); ao tipo de linguagem utilizada, com muitas palavras que caíram no arcaísmo e/ou no desuso, além de termos razoavelmente sofisticados para os padrões de leitura em voga hoje em dia; e, fundamentalmente, à falta de motivação para a prática da leitura propriamente dita, como um dos males que parece assolar não só os estudantes, mas boa parte das populações coetâneas. Para tanto, pode ser utilizada uma solução multidisciplinar, articulando-se os ensinamentos da Língua Portuguesa com os da História, o

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

uso de glossários de parte do professor, ou mesmo a plena consulta do dicionário por parte dos alunos e a recorrente tentativa de conscientização quanto à relevância do ato de ler.

O trabalho com esse tipo de fonte original proporciona um contato direto com as visões de mundo pretéritas, bem como possibilita ao aluno uma aproximação com as realidades locais e regionais, tendo em vista que, normalmente, os textos e livros didáticos de História apresentam um devir histórico focado essencialmente no centro do país. A busca por tornar atrativos textos e imagens do passado deve ser uma constante como forma, inclusive, de vencer as fortes resistências à leitura em si, tão constante nos dias atuais. Nada melhor para compreender o passado do que observar diretamente, sob o prisma e o método da ciência, os testemunhos documentais. Com critério e conhecimento de causa, a imprensa vem a constituir uma fonte excepcional para as atividades de pesquisa, preparação e realização das aulas. Vencidos os obstáculos, apesar das dificuldades em tal empreitada, os resultados podem ser bastante significativos*.

* Texto publicado originalmente em: *Formação de professores: fontes no Ensino de História para a diversidade*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2012. p. 17-97.



O ensino da História por meio dos jornais antigos: as imagens acerca dos atores político-partidários à época imperial

Ensinar na atualidade, seja qual for a área do conhecimento humano, vem constituindo um desafio

cada vez maior. Desmotivação discente, carência de recursos e precariedades de toda ordem no ambiente escolar e a desvalorização profissional dos docentes são apenas alguns dos fatores que poderosamente contribuem para um sério prejuízo das relações de ensino-aprendizagem na sala de aula. Quando se trata de ensinar História, tais obstáculos só tendem a aprofundar-se ainda mais, tendo em vista a escassa carga horária dedicada às ciências humanas e a pequena importância normalmente destinada a tal área do saber, colocada entre as “disciplinas menores” ou “periféricas”, amplamente menoscabada em relação a outros saberes considerados como prioritários, numa clara manifestação da reminiscência dos muitos períodos autoritários vividos pelo Brasil e mesmo do pouco gosto das autoridades governamentais em conviver com uma população mais esclarecida no que tange às chamadas humanidades. Além disso, os diversos “vícios” formados ao longo do tempo nas formas de promover o aprendizado da ciência histórica trazem consequências indeléveis e efeitos que deitam raízes até a contemporaneidade.

Uma dentre as tantas possibilidades de promover-se algum tipo de transformação no ensino da História pode dar-se através de uma constante renovação nas fontes utilizadas para ensinar/ pesquisar os fundamentos de tal ciência. Nesse sentido, nas últimas décadas, vem ocorrendo uma ampliação do campo da história ensinada por meio da busca de temáticas novas e da pluralização das fontes utilizadas, de modo que os professores têm incorporado um diversificado número de materiais e problemas, evitando assim a exclusão de diversos sujeitos e ações históricas

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

tradicionalmente operadas pelos manuais e programas de ensino (FONSECA, 2011: 161). Trata-se, portanto, de uma busca por trazer às escolas o desenvolvimento dos estudos históricos promovido nas universidades (PINSKY, 2009: 7), em uma verdadeira transposição didática do saber acadêmico para aquele promovido junto ao ensino fundamental e médio (MONTEIRO, 2007: 85), vencendo as resistências que inevitavelmente podem surgir, bem como estimulando as concordâncias, na busca de um processo de renovação (ABUD, 2007: 107).

Tal utilização de novas fontes pode levar em consideração a concepção renovadora do documento e de seu uso na sala de aula, de modo que o trabalho com documentação histórica possa ser encarado como um ponto de partida para a prática do ensino da História, bem como a oportunidade de que o professor possa ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias ao “saber-fazer” História (SCHMIDT, 2009: 117; SCHMIDT, 2010: 57). Dessa forma, é fundamental que tais objetos de estudo apareçam em todas as suas mediações e contradições, buscando-se reconstruir suas razões de ser a partir de suas próprias naturezas e fazendo emergir toda a trama de relações sociais que os constituem (BORGES, 1986: 33-34). Um desses documentos que podem ser levados direta/indiretamente à sala de aula é representado pela imprensa periódica. A utilização dos jornais como fonte para o ensino da História vem encontrando cada vez mais espaço nas discussões e propostas práticas acerca do tema, notadamente no que tange ao jornalismo contemporâneo (FARIA, 1996; FARIA, 1997; FARIA; ZANCHETA JR., 2002). Tais experiências levam em

conta o fato de que a imprensa escrita, como fonte e objeto de estudo histórico, traz em si múltiplas possibilidades de análise (BITTENCOURT, 2011: 335). Essa prática de ensino-aprendizagem deve trazer em si a necessária superação das dificuldades advindas do trabalho com os periódicos, uma vez que, ao levar o pluralismo para a sala de aula, o jornal também leva para a escola uma história truncada, num quadro pelo qual surge o papel do professor que, com as opções de que dispõe ou escolhas que faz, é capaz de ensinar o aluno a ordenar e compreender o caos aparente (ABUD; SILVA; ALVES, 2010: 29-30).

Esses cuidados são ainda mais fundamentais se a análise recair sobre a imprensa do passado. A linguagem, a grafia, a organização editorial e as construções discursivas dos jornais antigos são obstáculos a ser enfrentados pelo professor, mas não motivo para a desistência da utilização de tais fontes documentais. O estudo prévio da contextualização histórica e das condições de produção de um determinado jornal, ou seja, das relações inter, intra e extradiscursivas que cercam a sua publicação, são ações básicas para que o docente possa lançar mão de tal documentação, calcado essencialmente numa bibliografia de apoio e no conhecimento de causa acerca do seu objeto de estudo. Após aparar tais arestas, o professor poderá levar até seus alunos as informações/opiniões contidas no jornalismo de tempos pretéritos, não podendo deixar de lado considerações como as faixas etárias, as etapas de formação e o poder de interpretação/abstração de cada conjunto de estudantes com os quais pretende empreender o trabalho.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

Dentre essa enorme gama de potencialidades de análise, uma das possibilidades recai sobre o estudo de jornais locais, propiciando, inclusive, uma comparação entre o jornalismo do passado e o dos tempos atuais. Os periódicos trazem em si uma quantidade praticamente imensurável de dados sobre as vivências humanas nos seus mais variados fundamentos, seja o político, o social, o econômico, o cultural, o ideológico, o religioso, entre tantos outros. A título de exemplo e proposta de trabalho, um dos possíveis estudos a ser levado ao alunado para promover o ensino da História está ligado às formas pelas quais os atores políticos, através dos jornais, construíam suas imagens e desconstruíam a de seus adversários na época imperial da formação histórica brasileira. Após algumas etapas de tendências conciliatórias entre segmentos do partido conservador e do liberal, essas agremiações passariam cada vez mais a se digladiar mais ferrenhamente, notadamente a partir de 1868, quando, a cada inversão partidária no âmbito ministerial, a oposição entre liberais e conservadores intensificava-se (ver CHACON, 1985: 23-55 e 217-234). Através da imprensa periódica, em grande parte engajada partidariamente, os representantes das duas facções estabeleciam verdadeiro conflito discursivo, promovendo a discussão de suas respectivas formas de pensar e agir. Tal debate pode constituir um instrumento extremamente rico para o ensino da História daquela época, conforme o estudo de caso a seguir, levando em conta o periodismo que se desenvolveu numa cidade sul-rio-grandense do século XIX.

A cidade do Rio Grande representou uma das mais relevantes comunidades gaúchas durante os Oitocentos, constituindo-se no mais importante

entreposto comercial da província sulina. Tal desenvolvimento permitiu a existência de um jornalismo de ponta para os padrões da época, com a publicação de folhas com padrões editoriais à altura das maiores cidades brasileiras de então. Esse conjunto de jornais, com coleções remanescentes e conservadas numa das mais antigas instituições culturais gaúchas, a Biblioteca Rio-Grandense, traz em suas páginas um riquíssimo manancial acerca das vivências e sociabilidades do século XIX e, dentre elas, o debate de cunho político-partidário. Os periódicos diários – longevos, de circulação regular e contínua e com significativa capacidade de organização comercial – tiveram níveis variados de aproximação com os partidos, os quais variaram da simples simpatia até o engajamento pleno, estereotipado na figura do “órgão partidário”. Nesse sentido, circularam na comuna portuária os conservadores *Commercial* (1857-1882) e *Echo do Sul* (1858-1934), o liberal *Artista* (1862-1912) e o *Diario do Rio Grande* (1848-1910) que teve uma fase de aproximação com o partido conservador, para, posteriormente, aderir à causa da agremiação liberal (ver ALVES, 2002: 157-363). Mornente a partir de 1868, esses jornais, com níveis variáveis de intensidade, trabalharam na edificação de um confronto discursivo entre liberais e conservadores. Essas disputas partidárias também encontrariam eco junto à pequena imprensa, representada pelo gênero caricato que as apresentava sob uma feição crítica, opinativa e bem-humorada. Tais perspectivas destacadas a seguir de forma sucinta e esquemática podem constituir significativa fonte para o ensino da História da época em questão.

A visão dos conservadores

Uma das mais importantes estratégias discursivas da qual os conservadores lançaram mão no combate a seus adversários foi a de se considerarem como o “partido da ordem”, ou seja, aquele que respeitava as instituições, em oposição aos liberais, buscando legitimidade constantemente na memória histórica das convulsões revolucionárias que sacudiram o país à época regencial e intentando imputar toda a culpa por tal instabilidade aos seus inimigos políticos que, por décadas, levariam a pecha de revolucionários, agitadores e deturpadores das instituições vigentes. Além disso, o discurso conservador fazia ampla propaganda de potenciais qualidades de seus sectários, ao passo que aos adversários restava a imputação de todos os qualificativos negativos. Para os conservadores, os liberais seriam desnecessários, uma vez que estes só propalavam a respeito das reformas, ao passo que eram aqueles que efetivamente as realizavam. Além disso, o partido conservador orgulhava-se por promover as transformações nacionais de modo lento, gradual e refletido, contrariamente aos liberais que estariam sempre a gritar por reformas exacerbadas e impensadas. Tais premissas podem ser observadas a seguir.

► **os conservadores como partidários da “ordem” e da manutenção das instituições nacionais:**

- Argos vigilantes na guarda da tranquilidade pública
- compunham um partido que não cedia à ameaça de revolução, nem à grita inconsiderada de reforma
- defensores da constituição e da monarquia

- eram os propugnadores das doutrinas constitucionais, os amigos da ordem, a qual significava a liberdade coletiva
- representavam o partido que queria e desejava ardente mente o progresso refletido da nação, o engrandecimento e a prosperidade do país, conservando as suas melhores instituições
- realizadores das legítimas aspirações nacionais, aproveitando-se da experiência do passado
- faziam parte da agremiação da ordem que combatia a anarquia
- eram os portadores de ideias compatíveis com a prudência e a moderação, levando o país a seguir na sua marcha sempre progressiva, em direção a um alto ponto de prosperidade, sossego, melhoramentos materiais e importância
- timoneiros prudentes que guiavam o Estado, livrando-o da guerra civil, da bancarrota e até da separação das partes preciosas que formavam o seu todo
- queriam a liberdade plácida e tranquila e não o despotismo, a república e a licença
- representavam a bandeira da moderação, o paladino das garantias do povo
- integravam a massa compacta de homens sinceros, amigos de seu país que se reuniram para opor um dique à onda revolucionária que pretendia invadir o Brasil em nome da ambição e dos interesses particulares de alguns liberais
- não pretendiam dominar pela força
- jamais obrigariam os brasileiros a empunhar armas contra seus irmãos, querendo a liberdade sem derramamento de sangue

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

► os liberais como representantes da “anarquia”:

- compunham uma facção anárquica e turbulenta, detentora de tendências maléficas, antimonárquicas e revolucionárias, regida por doutrinas subversivas
- representavam um partido que confundia a liberdade com a anarquia e que defendia a resistência armada, quando fora do poder
- inimigos da ordem e sectários da anarquia
- integravam um agrupamento sem disciplina espiritual que conspirava perpetuamente contra todos os princípios da ordem
- pregueiros da revolução, procuravam acender o facho das guerras civis, levando à ruína do país e à trucidação das famílias
- falsos apóstolos da liberdade que procuravam na revolução um meio para mais depressa subir ao poder
- energúmenos que desejavam inocular excessos políticos num país embasado na sólida prática de uma liberdade regulada pelas leis
- desejavam a anarquia, a ditadura e a república ensanguentada e descarnada com todos os seus horrores
- portadores de um caráter subversivo e revolucionário, deixando entrever violência, revoluções e sangue
- adeptos do arbítrio e da violência

► os conservadores vistos como defensores das reformas paulatinas, moderadas e obtidas como fruto da reflexão, além do que seriam os verdadeiros reformadores da sociedade, pois assim agiriam de forma efetiva e não apenas no campo dos discursos:

- indivíduos que buscavam o progresso feito com placidez de espírito e segurança, cujas ideias de reformas não constituíam passos arriscados e sim em medidas

tomadas a partir de um maduro exame de suas bases, das possibilidades nacionais, estudando-as para conhecer se poderiam ou não ser dadas com toda a segurança

- obedeciam às leis do aperfeiçoamento lento e gradual da sociedade

- consideravam as reformas como um melhoramento da legislação, um desenvolvimento das instituições e uma consolidação das garantias já consagradas

- a ideia conservadora não era sinônimo de regresso, nem emperramento, e sim, de reflexão, segurança, prudência, patriotismo e progresso pautado, sem entusiasmo louco, pretensioso e egoístico

- eram os verdadeiros liberais, votando leis libérrimas que os

liberais tinham deixado esquecidas nos arquivos

- representavam os verdadeiros liberais brasileiros, pois, mesmo sendo alcunhado de partido retrógrado e estacionário, incompatível com o progresso, fora ele que dotara o país com diversas e importantíssimas reformas

- não eram refratários e sim os verdadeiros liberais

► os liberais observados como defensores das reformas pelas reformas, realizadas de forma abrupta e sem pensar nas consequências, ou ainda propugnadores das reformas apenas no campo teórico, sem implementá-las na prática:

- defensores de falsas teorias da liberdade, cujo único padrão político era negar as afirmativas dos conservadores, sendo oposicionistas por sistema e vivendo ao capricho de conveniências passageiras

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

- opressores e anarquistas, quando governavam, o poder não tinha limite, já na oposição, o poder não tinha direitos
- queriam reformas que significariam a ruína do que existia, a perturbação do regime constitucional e o aniquilamento das tradições
- sempre inquietos e exagerados, gastavam suas forças em declamar contra os conservadores, sem inspirar nenhuma confiança
- eram excelentes *fazedores* de ideias, mas absolutamente incapazes de realizá-las
- compunham um partido que não respeitava os próprios ideais, pois, sempre que no poder, esquecia o passado e adormecia nos colchões da indolência, promovendo a decepção e sendo abandonado por não entabular as suas tão decantadas reformas
- renegavam sua própria bandeira, pois seu programa não encerrava uma ideia que pretendessem realizar, e sim um meio de popularidade para subir ao poder, mistificando a opinião pública
- eram um grupo composto de partes heterogêneas, apresentava um manto de arlequim para adornar o seu pretendido ídolo – a liberdade – e, para vencer, renegava num dia o que havia dito no anterior

► os conservadores apontados como cidadãos honestos e probos, defensores do patrimônio público:

- homens da probidade, dignos cidadãos, de consciência pura; no poder, eram cidadãos honestos, políticos de sinceras crenças e partidários firmes e intransigentes nos princípios
- levaram o país ao progresso e melhoramento moral

- homens eminentes, com grandes serviços prestados ao país e de cuja escola política saíram os princípios sempre aplicados no progresso do Brasil
- seu partido reunia em suas fileiras tudo quanto o Brasil possuía de mais ilustrado, benemérito e patriota

► os liberais qualificados como dilapidadores das verbas públicas:

- sinecuras que desfalcavam o erário para satisfazer o número avultado dos famintos convivas que se grupavam à volta da lauta mesa do festim do orçamento
- zangões que devoravam o mel com tanto labor fabricado na colmeia governativa e, passando pelo poder, acabaram com o progresso das finanças, deixando por herança a miséria e os embaraços
- eram uma planta parasita que nascera e se sustentara da seiva da massa da nação

► conservadores descritos como políticos que exerciam o direito à expressão do pensamento baseado na verdade da imprensa e como honesto meio de divulgação de ideias:

- pelejavam com moderação e bravura pela imprensa e pela tribuna, únicos campos de combate que o partido reconhecia para a conquista do poder
- não desciam ao terreno onde as paixões e os ódios se gladiavam, onde os caracteres se abstinha e os homens se amesquinhavam, observando os preceitos impostos pela lealdade e pelo cavalheirismo, não fazendo do insulto arma de ataque e não procurando vencer pela virulência da palavra
- nunca consentiam que o caráter de seus adversários fosse atado ao pelourinho da maledicência ou açoitado

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

pelo insulto, ou que fosse derramado o fel amargo da mentira sobre as reputações daqueles

► **liberais acusados de usarem a imprensa para divulgar mentiras e calúnias, por meio de estratégias difamatórias com intento de denegrir a imagem do adversário:**

- agiam com base na injúria e na intriga e, em vez de combater as ideias, esgotavam sua atividade em impotentes desabafos de desgraçada raiva; utilizavam o insulto por argumento, a injúria por sistema, declamando por estilo e gritando por hábito
- a imprensa liberal converteria-se em buzina difamatória, cujas armas estavam ensopadas no fel, no veneno da injúria e da calúnia, com que tentavam abater os mais nobres caracteres
- combatiam unicamente por vitupérios, inventando e propalando vícios e defeitos que não existiam

A versão dos liberais

Tendo a “liberdade” como palavra de ordem, os liberais muito insistiram no estabelecimento de uma construção discursiva que os alocava como representantes do progresso, ou seja, como aqueles que estariam preparados para as transformações que moviam o mundo, prontos a adaptar o país às novas circunstâncias e conjunturas, ao passo que consideravam os conservadores como retrógrados, que representavam o atraso, com ações anacrônicas em relação aos novos tempos que se avizinhavam. Os defensores do partido

liberal buscavam se promover como aqueles que efetivamente poderiam executar as reformas nacionais e não procrastiná-las como faziam os conservadores. Além disso, qualificavam seus seguidores como homens honestos no trato da coisa pública e imputavam qualidade exatamente oposta aos seus adversários políticos. De acordo com tais concepções, os liberais seriam os homens que contavam com o apoio da opinião pública e estariam prontos para administrar o Estado, ao passo que os conservadores, sem apoio popular, não teriam as mínimas condições de gerenciar o país.

► **liberais vistos como uma agremiação progressista, preocupada sempre com o avanço da pátria, com ações embasadas na honestidade:**

- defensores de ideais adiantados, liberais e democráticos
- elementos adiantados que se identificavam com o progresso das ideias da época e não consentiam que corresse desaproveitada a grandeza do império de Santa Cruz
- representavam um partido forte e numeroso que promovia a máxima prosperidade do império
- caráteres distintos, incapazes de enganar a alguém

► **conservadores acusados de malversação dos dinheiros públicos:**

- não tinham patriotismo, nem critério, eram inimigos da pátria, esbanjadores dos cofres públicos, que reduziam o povo à miséria
- ninguém fizera ainda maior mal ao Brasil do que o partido conservador

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

- convertiam o país num campo de insolentes explorações, cevando suas ambições e cobiça à custa do suor dos contribuintes
- esbanjavam o dinheiro público em proveito dos apaniguados, não o aplicando nas necessidades da nação
- especuladores que prejudicavam as finanças nacionais e aviltavam os princípios da honestidade e da moralidade

► **liberais apontados como os propugnadores das reformas necessárias ao avanço do país:**

- defensores do progresso com moralidade e da liberdade que era o lema da bandeira liberal
- levavam em frente a missão de empreender as grandes reformas nacionais, permitindo que o povo viesse a intervir na administração do país, assumindo a responsabilidade de seus destinos

► **conservadores qualificados de retrógrados, reacionários, não estando prontos para adaptar-se às transformações do mundo:**

- embasados em princípios retrógrados, praticavam uma política rotineira e uma administração timorata
- partido sem ideias, sem princípios, sem objetivo econômico e social, preso à rotina, não estava apto a administrar o país numa época de constante e ininterrupta evolução e desenvolvimento
- mantinham uma ideia única e predominante de resistir a todas as aspirações nacionais, sob o lema da conservação própria

- **liberais contando com o apoio da opinião pública:**
 - partido que estremecia pela salvação da pátria, reconhecendo a necessidade de modelar seus atos nas bases mais largas da opinião popular
- **conservadores apresentados como não contando com o apoio ou tendo qualquer identidade com a opinião pública:**
 - não era um partido digno das simpatias da nação e das preferências do eleitorado patriota e independente
- **liberais vistos como políticos de valor e capazes:**
 - verdadeiros patriotas, amigos sinceros de seu país
 - agremiação que tantos e tão assinalados serviços tem prestado ao Brasil
- **conservadores imputados de nulidades políticas e maus homens públicos:**
 - mediocridades políticas que pouco ou nada faziam pelo país

O olhar da caricatura

Sem necessariamente apresentar algum tipo de engajamento partidário, mas com uma visão calcada na crítica política, os jornais caricatos também reproduziram, a seu modo, as disputas entre os partidos conservador e liberal à época monárquica. Unindo o inexorável apelo visual da imagem com manifestações carregadas de espírito crítico, refinada ironia, inquebrantável humor, ferino gracejo e/ou incisivas

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

pilhérias, a imprensa caricata traduziu uma versão caricatural da realidade por ela retratada. A cidade do Rio Grande também teve destaque no gênero caricato, com a publicação de várias folhas que divertiram/infernizaram a sociedade de então. Dentre elas, tiveram maior relevo o *Diabrete* (1875-1881), o *Marui* (1880-1882) e o *Bisturi* (1888-1893), todas folhas com expressiva qualidade editorial para os padrões de então (ver ALVES, 2002: 390-469). Nelas a contenda entre as agremiações partidárias era vista sob o prisma da graça e da crítica, além do tom moralizador, que normalmente os caricatos traziam em seus olhares, como se pode observar nos exemplos a seguir que revelam as amplas possibilidades de uso didático para tais fontes, reforçadas pela presença da imagem como um potencial catalizador de atenções.

Em uma dessas representações, em um ambiente que lembrava um misto de teatral e carnavalesco, as duas frentes partidárias, representando governo e oposição, cercavam o indivíduo que designava o governo e que, fundamentalmente, distribuía as verbas públicas, cada qual fazendo exigências mais acintosas em relação aos seus respectivos interesses (DIABRETE, 9 mar. 1879: 4-5). As duas representações que disputavam a “ceia chamada orçamento” eram simbolizadas por figuras femininas - as “cocotes” -, ou seja, a mulher mundana ou a meretriz elegante, revelando a forma pela qual o jornal pretendia apresentar os atores políticos de então. O contexto teatral ou carnavalesco contribuía ainda mais com tal visão negativa, tendo em vista os preconceitos e moralismos que muitas vezes pairavam em torno de artistas ou frequentadores do carnaval,

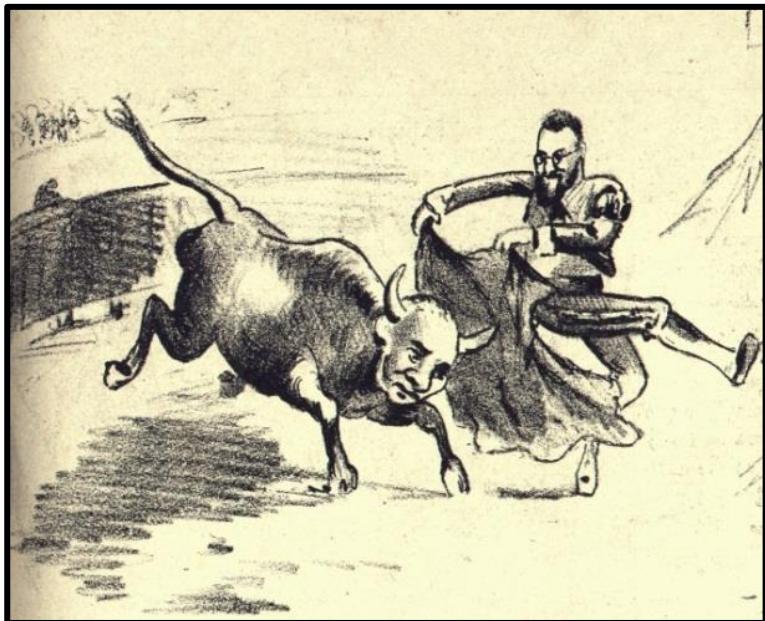
considerados como lugar e época bastante perniciosos, ainda mais quando se tratava de mulheres.

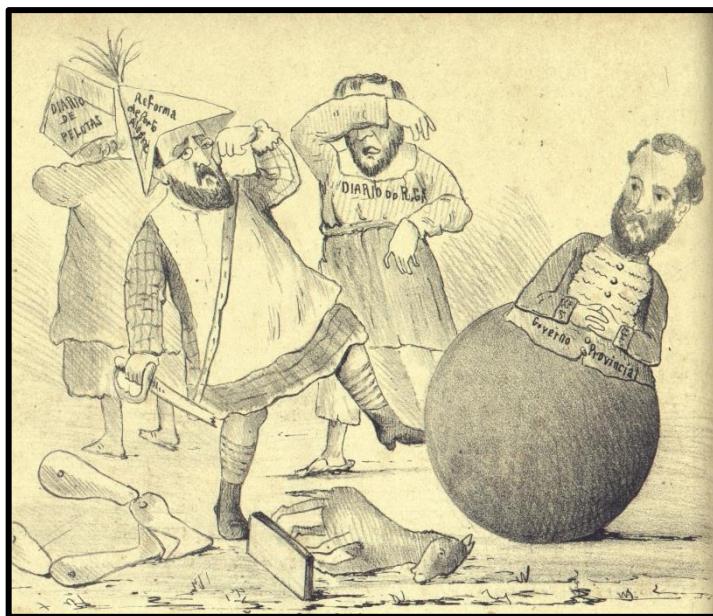


O mesmo jornal mostrava o confronto entre representantes dos partidos imperiais, como em uma tourada (DIABRETE, 20 jul. 1879: 4). Na caricatura, o enfrentamento da habilidade e maestria do toureiro em relação à força do touro, características normais de tal atividade, era substituído pela ironia bem-humorada e crítica em relação a um toureiro cujos movimentos lembravam mais um bailarino, enquanto o touro, metamorfoseado em figura híbrida - humana e animal -, parecia perdido na arena da disputa. Mais tarde, o *Marui* mantinha o espírito crítico, ao mostrar os responsáveis pelas publicações periódicas político-partidárias como crianças chorosas a brigar pelos brinquedos, parte deles completamente destruídos. A figura que representava o governo era caracterizada como um “joão-bobo”,

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

brinquedo que não pode ser derrubado. A legenda era: “A oposição e o governo – Não há meios que possa derrubá-lo. Isso mesmo é para se desesperar!...” (MARUI, 10 mar. 1880: 4). Apesar de designados como figuras infantis, na representação dos políticos eles mantinham suas feições adultas, o que só aumentava o tom ridículo que a folha pretendia dar à cena.

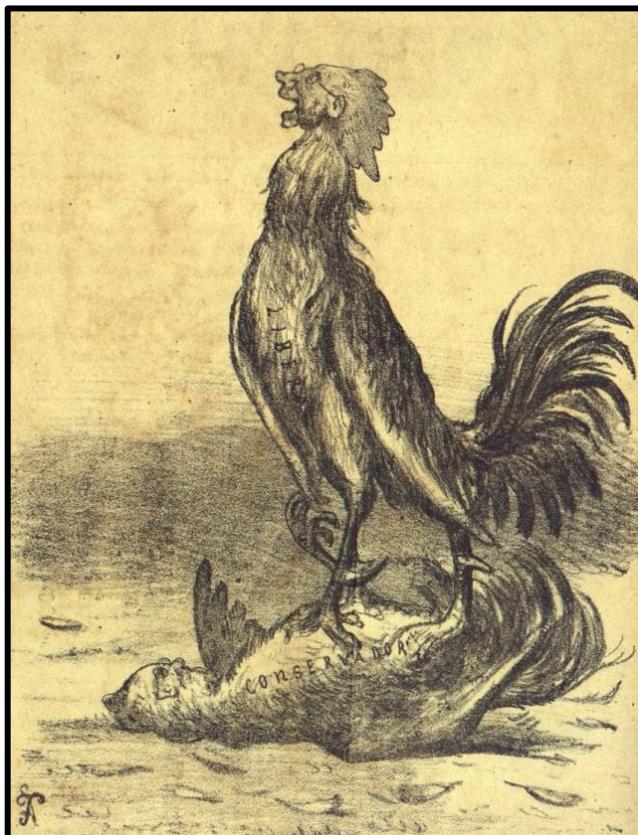


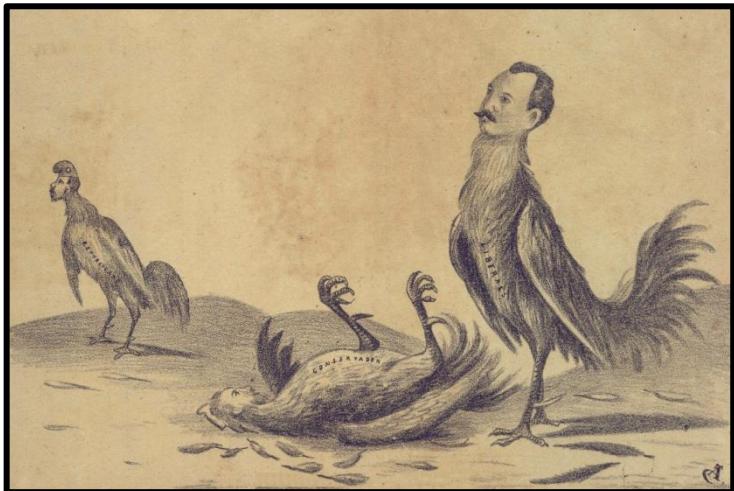


As disputas político-eleitorais entre liberais e conservadores era também simbolizadas pelo *Marui* como uma rinha de galos, na qual o representante daqueles saía vencedor em relação ao destes. A legenda era direta e incisiva, designando a voz dos vitoriosos: "Canta, meu galo velho! Ainda desta vez triunfastes" (MARUI, 6 nov. 1881: 2). O galo vencedor aparecia em pé, triunfante, dominando com as patas o contendor derrotado. Anos depois, já nos estertores da forma monárquica de governo, o *Bisturi* mostrava cena parecida. Mais uma vez o galo vencedor era o liberal, aparecendo o desenho sobre a sucinta legenda: "Resultado das últimas eleições" (BISTURI, 8 set. 1889: 8). Em ambas as figuras, os galos apareciam como um misto zoomórfico/antropomórfico, ou seja, corpo de

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

animal, mas com cabeça e feições humanas, para facilitar a identificação dos personagens retratados. Nesta última caricatura, além do galo vencedor, em postura altaneira em relação ao derrotado, aparecia uma terceira ave que, ao largo, espreitava, de barrete frígido, representando os republicanos e refletindo os novos tempos que se avizinhavam. O teor crítico não ficava de fora, já que desenhar as disputas políticas como uma briga de galos não deixava de ser uma forma de menosprezá-las.





Assim, tais exemplos podem ser utilizados a contento no que tange às práticas do ensino da História, revelando um brevíssimo estudo de caso acerca da relevância dos jornais antigos como fontes para o aprendizado dessa ciência. O irreversível avanço dos meios de comunicação de massa revela que a sua utilização como objeto de estudo é inevitável para um melhor aprendizado, e seus congêneres do passado, mormente o jornalismo impresso do século XIX, podem também acompanhar tal constatação. Dessa forma, no atual contexto, não é mais possível uma atitude de omissão, negação ou mesmo de desprezo por parte do professor em relação à imprensa periódica, cabendo a ele o papel de decodificador de mensagens e informações, incorporando-as ao processo de ensino e aprendizagem, no dia a dia da sala de aula (FONSECA, 2003: 213). Tais fontes podem trazer em si a viabilidade da realização de

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

ações fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, como despertar o interesse dos alunos, demonstrando a atualidade de fenômenos cronologicamente remotos, capacitar os estudantes no sentido de perceberem a historicidade de conceitos, demonstrar com clareza certos usos e abusos da História, perpetrados por diferentes agrupamentos, e possibilitar a crítica a dogmatismos e “verdades” absolutas que foram plasmadas ao longo da história (PINSKY; PINSKY, 2010: 25-26).

Esses breves fragmentos apresentados, uma vez mediados pelo professor e dosados de acordo com as peculiaridades intrínsecas de seu alunado, podem resultar em profícua experiência no *modus operandi* do ensinar História. A partir deles abre-se a possibilidade de o estudante conhecer um microcosmo da vida brasileira do século XIX e alguns detalhes do cenário político dessa época, podendo fazer ilações e comparações entre política, sociedade, economia e ideologia. Também fica possibilitada a perspectiva de inter-relações entre o passado e o presente, na medida em que podem ser trabalhados conceitos como o de fidelidade partidária, além de questões presentes hoje em dia como fisiologismo, partidarismo e convicções ideológicas (ou a falta delas), relações de poder e formas de tratamento entre aliados e adversários partidários. O tom crítico dos jornais pretéritos serve ainda, no que tange às interfaces presente-passado, para despertar interesses e percepções referentes a fenômenos recorrentes à história brasileira como no caso da corrupção política. Fica assim expresso um modesto exemplo dos tão amplos caminhos que podem ser

traçados a partir da imprensa periódica na ação de ensinar História*.

Bibliografia

ABUD, Katia Maria. A História nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. In: MONTEIRO, A. M. F. C.; GASparello, M. S. M. (Orgs.). *Ensino da História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2007. p. 107-117.

ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. *Ensino de História*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2002.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BORGES, Vavy Pacheco et al. *O ensino de História (revisão urgente)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHACON, Vamireh. *História dos partidos brasileiros*. 2.ed. Brasília: Ed. da UnB, 1985.

* Texto publicado originalmente na Revista *Historiae*. Rio Grande: Editora da FURG, 2012, v. 3 (1), p. 19-36.

FONTES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: DOIS BREVES ENSAIOS

FARIA, Maria Alice. *Como usar o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1996.

FARIA, Maria Alice. *O jornal na sala de aula*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. 11.ed. Campinas: Papirus, 2003.

FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da História ensinada*. 13.ed. Campinas: Papirus, 2011.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. *Professores de história: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Novos temas nas aulas de história*. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, L. (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Ensinar História*. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2009.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 54-66.



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**

Fundada em 1846



9 786553 060791

ISBN: 978-65-5306-079-1